



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALLUSKA SOUZA CAVALCANTE

**ESTUDO IMANENTE E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE:**  
**PRÁTICA DOCENTE - PRIMEIRA REFLEXÃO.**

MACEIÓ

2024

ALLUSKA SOUZA CAVALCANTE

**ESTUDO IMANENTE E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE:  
PRÁTICA DOCENTE - PRIMEIRA REFLEXÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia - Centro de Educação – CEDU, da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para finalização do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Dra. Sandra Regina Paz

MACEIÓ

2024

ALLUSKA SOUZA CAVALCANTE

**ESTUDO IMANENTE DO CAPÍTULO PRÁTICA DOCENTE: PRIMEIRA  
REFLEXÃO DO LIVRO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 06 DE DEZEMBRO DE 2024.  
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Paz (CEDU/UFAL)**

**Comissão Examinadora**

Documento assinado digitalmente

gov.br

SANDRA REGINA PAZ DA SILVA  
Data: 12/12/2024 19:25:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. DRA. SANDRA REGINA PAZ (CEDU/UFAL)**

Documento assinado digitalmente

gov.br

ELIONE MARIA NOGUEIRA DIOGENES  
Data: 13/12/2024 11:22:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. DRA. ELIONE MARIA NOGUEIRA DIOGENES (CEDU/UFAL)**

Documento assinado digitalmente

gov.br

RAQUELINE DA SILVA SANTOS  
Data: 12/12/2024 19:32:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. DRA. RAQUELINE DA SILVA SANTOS (SME - BLUMENAU/SC)**

Documento assinado digitalmente

gov.br

ISABELLA GIORDANO BEZERRA  
Data: 12/12/2024 16:26:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. MS. ISABELLA GIORDANO BEZERRA - UFPE**

**MACEIÓ  
2024**

Ata da Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Aos 06 dias do mês de Dezembro de 2024 foi instalada a Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão do Curso – TCC do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, às 16h pela plataforma Google Meet, a que se submeteu a licencianda **ALLUSKA SOUZA CAVALCANTE**, apresentando o trabalho **ESTUDO IMANENTE DO CAPÍTULO PRÁTICA DOCENTE: PRIMEIRA REFLEXÃO DO LIVRO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, tendo como Banca Examinadora já referendada pelo Colegiado do Curso a **PROFA. DRA. ELIONE MARIA** **PROFA. DRA. RAQUELINE DA SILVA SANTOS** (SME - BLUMENAU/SC), **PROFA. MS.**

**ISABELLA GIORDANO BEZERRA – UFPE**, sob a presidência **Profa. Dra. SANDRA REGINA PAZ** (CEDU/UFAL). Analisando o trabalho a Banca atribui a seguinte menção:

( X ) APROVADA      ( ) REPROVADA

OBSERVAÇÃO: a banca recomenda ajustes para depósito final do TCC junto à biblioteca.

Maceió, 06 de dezembro de 2024.

Documento assinado digitalmente  
 **SANDRA REGINA PAZ DA SILVA**  
Data: 12/12/2024 19:25:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. DRA. SANDRA REGINA PAZ**  
**(CEDU/UFAL)**

Documento assinado digitalmente  
 **ELIONE MARIA NOGUEIRA DIOGENES**  
Data: 13/12/2024 11:22:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. DRA. ELIONE MARIA NOGUEIRA DIOGENES**

Documento assinado digitalmente  
 **RAQUELINE DA SILVA SANTOS**  
Data: 12/12/2024 19:32:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. DRA. RAQUELINE DA SILVA SANTOS (SME - BLUMENAU/SC)**

Documento assinado digitalmente  
 **ISABELLA GIORDANO BEZERRA**  
Data: 12/12/2024 16:26:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**PROFA. MS. ISABELLA GIORDANO BEZERRA - UFPE**

**MACEIÓ**  
**2024**

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Setorial Lúcia Lima do Nascimento - CEDU**  
Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino - CRB4: 1459

C377e Cavalcante, Alluska Souza.

Estudo imanente e a pedagogia da autonomia de Paulo Freire:  
prática docente: primeira reflexão. / Alluska Souza Cavalcante.  
Maceió, 2024.

74 f.

Orientadora: Sandra Regina Paz da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) –  
Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió,  
2024.

Bibliografia: p.73-74.

1. Pedagogia da autonomia. 2. Educação. 3. Formação docente. 4.  
Estudo imanente. 5. Saberes necessários. 6. Educação crítica. I.  
Freire, Paulo. II. Título.

CDU: 37.013

## AGRADECIMENTOS

Quero dedicar este trabalho à minha família, com um carinho especial em memória da minha querida mãe, Dolores Maria, e do meu pai, Severino Cavalcante, que, mesmo não estando mais presentes fisicamente, sempre foram fontes de inspiração e apoio. Agradeço profundamente por todo o amor, dedicação e ensinamentos que me proporcionaram ao longo da vida, e por todo o apoio incondicional que sempre me deram.

À minha irmã, Walleska, agradeço pelo constante incentivo, pela paciência e por todo o apoio que me ofereceu durante o processo de escrita deste trabalho. Sua presença foi essencial e me deu força nos momentos mais desafiadores.

Agradeço do fundo do coração, por toda a dedicação e amor que recebi de vocês. Este trabalho é, em grande parte, resultado do apoio e da motivação que sempre me deram.

Aos professores do curso de Pedagogia que fizeram parte durante formação na Universidade Federal de Alagoas- UFAL, a Pró- Reitoria Estudantil - PROEST por também ter contribuído em minha formação acadêmica e pelos aprendizados que levarei por toda minha vida.

Expresso minha profunda gratidão aos meus orientadores, professor Ciro Bezerra e a professora Dra. Sandra Regina Paz da Silva, por toda atenção, dedicação, confiança, apoio e ensinamentos ao longo deste processo. Agradeço pelo trabalho e por todas as orientações valiosas durante a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso. A orientação de vocês foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico.

Também gostaria de manifestar minha sincera gratidão à Professora Dra. Elione Maria Nogueira Diógenes, a Doutoranda Isabella Giordano Bezerra, e à Professora Dra. Raqueline da Silva Santos, membros da banca examinadora deste trabalho. Agradeço imensamente pelo tempo dedicado à leitura e análise deste estudo, assim como pelas considerações, críticas construtivas e sugestões que certamente contribuirão para o aprimoramento do conteúdo apresentado.

A minha amiga Renata que foi minha parceira de estudo durante a trajetória de escrita deste trabalho. Agradeço por todo o apoio, companheirismo e motivação que me proporcionou nos momentos mais desafiadores. Sua amizade e colaboração foram fundamentais para que eu conseguisse concluir este trabalho com mais leveza e dedicação. Obrigada por estar ao meu lado em cada etapa dessa jornada.

Ao prof. Dr. Ciro Bezerra, pela atenção, apoio, confiança, por todos os momentos e palavras de incentivo e perseverança, pelas orientações e ensinamentos ao longo dessa trajetória acadêmica. Por ter contribuído na minha formação.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana - GEPSTUFAL, por todos os momentos vivenciados no estudo, por todas as trocas e vivências intelectuais.

Hoje, ao concluir minha graduação, olho para trás e vejo o quão longe cheguei desde o momento em que ingressei na universidade. Os obstáculos que enfrentei, especialmente a perda dos meus pais moldaram minha jornada de uma maneira que eu jamais poderia ter previsto. Cada dificuldade superada me tornou mais resiliente e determinada a perseguir meus sonhos, honrando a memória daqueles que não puderam estar presentes neste momento tão importante.

A participação no grupo de pesquisa revelou-se uma experiência transformadora, proporcionando não apenas conhecimento teórico, mas também o desenvolvimento de habilidades práticas e a ampliação do horizonte acadêmico. Os encontros semanais, os colóquios e os minicursos se mostraram fundamentais para o aprimoramento do Método do Estudo Imanente e para a compreensão mais profunda dos fundamentos sociológicos da educação. Essa vivência contribuiu significativamente para minha formação e para o crescimento pessoal.

## RESUMO

O presente trabalho analisa o primeiro capítulo do livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, utilizando o Método de Estudo Imanente. Esse método, que tem como objetivo transformar o leitor em escritor. O método é desenvolvido em quatro momentos simultâneos durante a escrita: (1) Recomposição da Geografia Textual no Diálogo Crítico-Criativo; (2) Decomposição das Cartografias Literárias da Geografia Textual; (3) Composição Autoral de uma Geografia Textual do(s) Texto(s) em Estudo; e (4) Diário de Estudo Autoetnográfico ou Autocrítico. A abordagem proposta permite uma leitura aprofundada e significativa das ideias do autor, ressaltando a formação de si e o estudo como práticas transformadoras. No capítulo analisado, identificamos que Freire critica a educação tradicional, que frequentemente se baseia em práticas autoritárias e descontextualizadas, e propõe uma pedagogia que valorize a autonomia e a criticidade dos educandos. Ele refuta a visão bancária da educação, em que o aluno é um receptor passivo de conhecimento, e enfatiza a necessidade de práticas pedagógicas dialógicas, que respeitem os saberes prévios e promovam a construção de significados. Ao longo da pesquisa, observou-se que as reflexões de Freire sobre autonomia, consciência crítica e ética são fundamentais para a formação autônoma e emancipatória dos indivíduos. O Método de Estudo Imanente revelou-se eficaz para explorar essas categorias e aprofundar o entendimento sobre sua relevância no contexto educacional contemporâneo. Concluímos que a obra de Paulo Freire permanece uma referência essencial para repensar e transformar práticas pedagógicas, visando uma educação libertadora.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Pedagogia da Autonomia; Educação; Formação docente; Estudo Imanente; Saberes necessários; Educação crítica.

## ABSTRACT

This paper analyzes the first chapter of the book *Pedagogy of Autonomy*, by Paulo Freire, using the Immanent Study Method. This method aims to transform the reader into a writer. The method is developed in four simultaneous moments during writing: (1) Recomposition of Textual Geography in the Critical-Creative Dialogue; (2) Decomposition of Literary Cartographies of Textual Geography; (3) Authorial Composition of a Textual Geography of the Text(s) under Study; and (4) Autoethnographic or Self-critical Study Diary. The proposed approach allows for an in-depth and meaningful reading of the author's ideas, highlighting self-formation and study as transformative practices. In the chapter analyzed, we identified that Freire criticizes traditional education, which is often based on authoritarian and decontextualized practices, and proposes a pedagogy that values the autonomy and criticality of students. He refutes the banking view of education, in which the student is a passive receiver of knowledge, and emphasizes the need for dialogical pedagogical practices that respect prior knowledge and promote the construction of meanings. Throughout the research, it was observed that Freire's reflections on autonomy, critical awareness and ethics are fundamental for the autonomous and emancipatory formation of individuals. The Immanent Study Method proved to be effective in exploring these categories and deepening the understanding of their relevance in the contemporary educational context. We conclude that Paulo Freire's work remains an essential reference for rethinking and transforming pedagogical practices, aiming at a liberating education.

**Keywords:** Paulo Freire; Autonomy Pedagogy; Education; Teacher training; Immanent Study; Necessary knowledge; Critical education.

## **LISTA DE FIGURAS**

- 1. Figura 3 – A Ética Universal: A Marca Inerente da Natureza Humana em Paulo Freire**
- 2. Figura 4 - A visão pedagógica de Paulo Freire**
- 3. Figura 5 - Prática docente: Primeira reflexão**
- 4. Figura 6– Momentos do ciclo gnosiológico**

## **LISTA DE QUADROS**

- 1. Quadro 1: Quadro categorial ensinar e formar**
- 2. Quadro 2 – Transição da curiosidade ingênua para a curiosidade crítica no processo de ensino aprendizagem.**

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	18
<b>PRIMEIRAS PALAVRAS: REFLEXÕES SOBRE AUTONOMIA, ÉTICA E PRÁTICA EDUCATIVA EM PAULO FREIRE</b> .....	24
<b>PRÁTICA DOCENTE: PRIMEIRA REFLEXÃO</b> .....	33
1.1    Ensinar exige rigorosidade metódica .....	41
1.2    Ensinar exige pesquisa.....	46
1.3    Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos .....	49
1.4    Ensinar exige criticidade (curiosidade ingênua, epistemológica e/ ou crítica).....	50
1.5    Ensinar exige estética e ética. ....	52
1.6    Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo.....	54
1.7    Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. ....	56
1.8    Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática .....	61
1.9    Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.....	62
<b>CATEGORIA DAS PALAVRAS DESCONHECIDAS</b> .....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	73

## **INTRODUÇÃO**

### **Contextualização**

As experiências vivenciadas durante minha formação na Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), iniciada em 2016 por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), foram mais do que uma simples porta de entrada para o ensino superior. Para mim, representaram a realização de um sonho que, em muitos momentos, parecia distante, especialmente diante das lacunas e desafios enfrentados ao longo da minha trajetória de estudos na rede pública de ensino.

Durante a graduação, além de consolidar conhecimentos teóricos, vivenciei experiências transformadoras que moldaram minha visão sobre a educação e meu papel como educadora. Uma das disciplinas que mais impactaram na minha formação foi a de *Fundamentos Sociológicos da Educação*, ministrada pelo professor Dr. Ciro Bezerra, no segundo período. Foi nessa disciplina que fui apresentada a uma abordagem de estudo mais significativa, por meio do *Método do Estudo Imanente*.

Essa metodologia provocou uma mudança profunda na minha maneira de encarar o processo de aprendizagem, levando-me a questionar a forma mecânica com a qual eu estava habituada a estudar. O professor Dr. Ciro Bezerra, em suas aulas, destacava a importância do estudo como um modo de vida, uma existência que envolve a formação de si, em si, por si e para si. Suas aulas eram profundas, reflexivas e despertavam um sentimento de inquietação, estimulando a construção de um pensamento crítico e autônomo.

### **O Método do Estudo Imanente**

O Método do Estudo Imanente foi apresentado à turma de graduação em quatro momentos distintos, cada um com objetivos e procedimentos específicos. Esses momentos são interligados e promovem uma abordagem profunda e reflexiva do estudo, integrando teoria e prática. A seguir, apresento cada uma delas:

## **1. Cartografias Literárias do Mapa da Geografia Textual**

Neste momento, o objetivo principal é estabelecer um diálogo crítico com os escritores ou autores estudados. Para isso, realiza-se uma sistematização que identifica as *unidades significativas* do texto, compostas por categorias, ideias, conceitos, objetivos, temas abordados, problemáticas e hipóteses. Esse processo permite uma compreensão estrutural da obra, facilitando a análise e a interpretação.

## **2. Unidades Significativas, Epistemológicas, Questões Norteadoras e Mnemônicos**

Neste momento do Método do Estudo Imanente, o foco está na organização e na categorização das *unidades significativas* identificadas no momento anterior. Essas unidades são analisadas sob uma perspectiva epistemológica, ou seja, buscando compreender como o conhecimento é construído no texto. Além disso, são formuladas questões norteadoras que guiam a reflexão, e são criados mnemônicos (recursos de memorização) para facilitar a retenção e a aplicação dos conceitos estudados. Além da identificação das categorias, ideias, conceitos que visam contribuir para decomposição e reconstrução textual, num movimento de desconstrução e reconstrução para uma compreensão do texto estudando. Com a identificação das palavras desconhecidas e suas definições, o leitor/escritor amplia o seu universo vocabular, com a construção da memória e domínio de vocábulos da linguagem das ciências.

## **3. Diário Autoetnográfico**

Neste momento, o estudante registra, analisa e reflete sobre os efeitos psicológicos e subjetivos dos momentos anteriores. O diário autoetnográfico é um espaço para explorar sentimentos, emoções, intuições e imaginações, promovendo um processo de autoconhecimento e autoria. Essa prática estimula a autonomia, a flexibilidade e a reflexão sobre as memórias construídas ao longo do estudo, consolidando uma relação mais profunda com o conteúdo dos textos estudados, caracteriza-se por ser um momento de intimidade do leitor/escritor reconhecendo seus sentimentos, emoções e vivências em relação ao texto estudado e vivenciado.

#### 4. Intepretação compreensiva

O último momento consiste na elaboração de uma interpretação compreensiva, que tem como objetivo dialogar de forma ativa com os escritores ou autores estudados. Essa interpretação não apenas sintetiza as reflexões anteriores, mas também estimula a produção de novos conhecimentos a partir da crítica e da criatividade. Esse momento é estruturado em *introdução, desenvolvimento e conclusão*, seguindo os princípios da escrita acadêmica. Nas palavras de Bezerra (Bezerra, 2019, p. 55), elaborador e sistematizador dos momentos e aplicativos do Método do Estudo Imanente:

Neste estágio do processo, o foco é o exercício de autoria. O objetivo central é capacitar os atores pedagógicos a conquistarem autonomia, ou seja, a desenvolverem a habilidade de se expressar oralmente e por escrito sobre qualquer disciplina e seus conteúdos curriculares, utilizando suas próprias palavras. Esse processo não é simples, pois exige o domínio de vocabulário, a memorização das linguagens específicas das ciências e a competência em redigir de forma clara e estruturada. Essas habilidades cognitivas e intelectuais requerem, de fato, um “exercício espiritual” contínuo e prolongado. Espera-se que essas capacidades sejam trabalhadas e reveladas ao longo dos momentos anteriores, emergindo na forma de um novo texto.

Esses quatro momentos não ocorrem de forma isolada, mas estão interligados e se complementam ao longo do processo de estudo. O Método do Estudo Imanente é, portanto, um exercício espiritual e intelectual profundo, que exige dedicação e engajamento contínuo. Ele permite que o estudante não apenas compreenda o conteúdo de forma crítica, mas também se transforme pessoal e academicamente por meio da reflexão e da autoria.

Com o domínio dos momentos significativos do Método do Estudo Imanente é possível transitar no que Paulo Freire denomina heteronomia, do pensar por outrem, para o exercício da autonomia do conhecimento, o que seria a saída da minoridade para maioria – do pensar por si mesmo, com uma escrita autônoma e crítica de si e do mundo. Entretanto, ressaltamos que os momentos do método são flexíveis e não se trata de uma estrutura fechada, mas se apresenta como uma forma de estudar de forma regular, sistemática e metódica, cujo objetivo é a construção da autonomia do estudante, por meio do exercício espiritual, como uma forma de esculpir-se a si mesmo com as mãos e forjar

a sua humanidade por meio da formação de si, em sim e por si, elementos imprescindíveis da formação humana libertária.

### **Aplicação do Método**

A aplicação do Método do Estudo Imanente foi fundamental para a compreensão aprofundada de obras como *Pedagogia da Autonomia* (2021), de Paulo Freire. Ao vivenciar os quatro momentos do método e seus aplicativos, foi possível não apenas analisar o texto de forma crítica, mas também refletir sobre suas implicações para a prática educativa e a formação humana. Essa abordagem transformou o estudo em uma experiência significativa e enriquecedora, consolidando-se como uma ferramenta poderosa para a aprendizagem autônoma e reflexiva.

### **Trajatória Acadêmica e Desafios Pessoais**

Durante a disciplina de Fundamentos Sociológicos da Educação, despertou-se em mim um interesse em aprofundar os estudos por meio do Método do Estudo Imanente (Bezerra, 2019). Esse interesse culminou na minha participação em um grupo de pesquisa dedicado a essa metodologia. Ao ingressar no grupo, vivenciei experiências enriquecedoras, como a participação em colóquios, formações continuadas e minicursos sobre escrita acadêmica e o Estudo Imanente. Além disso, a oportunidade de explorar o estudo biográfico de sociólogos e suas obras, como Pierre Hadot (1999) e Jacques Rancière (2002), autores que agregaram valor significativo à minha trajetória acadêmica.

Ao longo da graduação, cada conquista foi alcançada com esforço e dedicação. No entanto, um dos momentos mais difíceis da minha vida ocorreu em 2019, quando enfrentei a perda dos meus pais. Lidar com essa dor enquanto buscava manter o foco nos estudos foi um desafio imenso, que testou minha capacidade de superação e resiliência. Houve momentos em que parecia impossível continuar, mas encontrei forças para seguir em frente, honrando o legado dos meus pais e perseguindo os sonhos que eles nutriam por mim.

Nesse contexto, os amigos do grupo de pesquisa desempenharam um papel fundamental. Os encontros tornaram-se um refúgio, um espaço de apoio e solidariedade.

O ambiente acadêmico proporcionou não apenas aprendizado intelectual, mas também crescimento pessoal e emocional. A cada desafio superado, sentia-me mais fortalecida e determinada a alcançar meus objetivos.

### **Experiência no Estágio Não Obrigatório**

No início de 2019, tive a oportunidade de realizar um estágio não obrigatório na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na Pró-Reitoria Estudantil (PROEST). Durante esse período, atuei diretamente com a coordenação pedagógica em projetos de extensão e auxílio estudantil. Essa experiência foi marcante, destacando a importância do apoio aos estudantes e da extensão universitária. No mesmo ano, em parceria com o professor Dr. Ciro Bezerra, a Gerência de Assuntos Educacionais da PROEST propôs um projeto de extensão voltado para estudantes da graduação que recebiam o Auxílio Permanência (BPG).

### **Projeto de Extensão e Adaptação à Pandemia**

O projeto de extensão teve início no final de 2019, marcando o começo de uma jornada única. Com a chegada da pandemia de COVID-19 e as medidas de isolamento social, o curso adaptou-se ao ambiente virtual. Os encontros, antes presenciais, passaram a ocorrer online, mantendo a qualidade e o compromisso com a formação dos participantes. A transição para o virtual não foi apenas uma adaptação tecnológica, mas uma oportunidade de explorar novas formas de aprendizado e interação.

Os encontros semanais, com carga horária de quatro horas, permitiram uma imersão profunda nos textos estudados, seguindo os princípios do Método do Estudo Imanente. Essa abordagem estimulou um aprendizado significativo, desafiando a visão mecânica tradicional da educação. Ao longo do curso, os participantes testemunharam uma transformação em sua formação humana, evidenciando a importância da experiência vivenciada. O aprendizado tornou-se uma jornada de autoconhecimento e aprimoramento pessoal, conforme relatado pelos participantes ao término do curso.

## **Método do Estudo Imanente no TCC**

A escolha pela aplicação do Método do Estudo Imanente na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo elaborador e sistematizado é o professor Ciro Bezerra, justifica-se pela necessidade de uma leitura crítica e criativa do primeiro capítulo de Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire. Esse método propõe uma abordagem que transcende a simples interpretação, transformando o leitor em escritor por meio de quatro momentos simultâneos: (1) Recomposição da Geografia Textual no Diálogo Crítico-Criativo; Decomposição das Cartografias Literárias da Geografia Textual; (2) Composição Autoral de uma Geografia Textual do(s) Texto(s) em Estudo; e (3) Diário de Estudo Autoetnográfico ou Autocrítico e (4) Interpretação compreensiva (BEZERRA, 2019).

## **Objetivos do Trabalho**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as categorias fundamentais abordadas no primeiro capítulo de Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, utilizando o Método do Estudo Imanente do professor Dr. Ciro Bezerra e do grupo de estudos e pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Os objetivos específicos são:

1. Analisar as ideias centrais sobre a prática docente em Paulo Freire, contidas no capítulo, compreendendo como o autor estrutura sua reflexão.
2. Identificar os elementos fundamentais da relação entre educador e educando, segundo o texto, explorando como Freire propõe que a prática docente seja, qual seja: um processo dialógico e formador da autonomia.
3. Examinar o conceito de reflexão crítica na prática pedagógica apresentada por Freire, investigando como o autor articula a importância da reflexão tanto para o educador quanto para o educando.
4. Identificar a maneira como Freire aborda a reflexão crítica no processo de ensino-aprendizagem, compreendendo sua relevância para professores e estudantes.

## **Contribuições**

Na obra *Pedagogia da Autonomia* Freire discute categorias essenciais para a formação autônoma, destacando a importância do desenvolvimento da autonomia no processo educacional. Por meio do Método do Estudo Imanente, busquei explorar e compreender profundamente essas categorias, contribuindo para uma reflexão crítica sobre a prática educativa e seu impacto na formação dos sujeitos pedagógicos.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1. Reflexões preliminares: Nita Freire e os saberes necessários à prática educativa em pedagogia da autonomia**

Nita Freire, professora e viúva de Paulo Freire, foi responsável por organizar importantes obras póstumas do educador, como *Pedagogia da Tolerância*, que recebeu o segundo lugar no Prêmio Jabuti na categoria Educação em 2006, e a biografia *Paulo Freire: Uma História de Vida*, também agraciada com o mesmo prêmio. Embora Nita Freire não tenha organizado *Pedagogia da Autonomia*, sua contribuição para a disseminação do legado de Paulo Freire é inegável. Publicado em 1996, *Pedagogia da Autonomia* é uma obra de Paulo Freire que discute os saberes necessários para uma prática docente autônoma e transformadora.

Antes de iniciar o diálogo crítico com Paulo Freire, cabe uma observação: um dos postulados do Estudo Imanente é que o saber está no fazer, não na mente ou na memória. O saber se revela na ação, e não há pessoa que faça algo sem possuir o saber necessário para tal. Esse postulado nos liberta da dualidade entre teoria e prática, comum na educação, que se acredita que na universidade se aprende teoria e na escola se aplica o conhecimento. Essa premissa para nós é falsa, e o postulado nos posiciona na perspectiva da práxis.

A práxis é uma perspectiva filosófica que destaca a complexidade da realidade social, compreendendo desde a produção social até o conhecimento e o trabalho intelectual. Ela reconhece a dimensão política intrínseca a essa produção, sublinhando que é no exercício consciente da ação que os seres humanos tornam o saber conhecido. Para que esse saber se materialize e ganhe relevância, é imprescindível organizar as atividades de estudo de maneira prioritária, reconhecendo que, para alcançar um

entendimento mais profundo e transformador, é necessário redirecionar energias, focando o estudo em detrimento de outras ocupações cotidianas que, embora importantes, não têm o mesmo impacto no processo de construção do conhecimento.

A ideia de práxis, que une teoria e ação, foi fundamentalmente desenvolvida por filósofos como Karl Marx e reformulada por Paulo Freire em sua pedagogia. Em Marx, a práxis é entendida como a unificação entre teoria e prática, uma ação consciente que visa à transformação da realidade social. Para Marx, os seres humanos não são apenas agentes passivos da história, mas, ao agir, transformam tanto o mundo quanto a si mesmo. Essa concepção de práxis está relacionada à ação transformadora, que surge da compreensão crítica do mundo e que, por sua vez, ajuda a modificar as condições de vida.

Paulo Freire aprofunda a ideia de práxis na educação, vinculando-a a reflexão crítica e à ação transformadora. Em sua pedagogia, a práxis não é apenas uma ação mecânica, mas uma ação reflexiva e crítica, que visa transformar a realidade social por meio do conhecimento, tornando os educandos protagonistas de sua aprendizagem e da mudança de suas condições de vida. Essa perspectiva é crucial para que a prática educativa se torne um espaço de produção de conhecimento, e não apenas de aplicação de teorias estudadas no ambiente acadêmico.

Essa reflexão nos leva a compreender como Paulo Freire aborda os “saberes necessários à prática educativa”. Em nossa perspectiva, o saber necessário à prática educativa está imanente à própria prática. Se quisermos conhecer os saberes necessários, basta estudarmos as práticas pedagógicas realizadas nas instituições de ensino, pois é nelas que encontramos o saber imanente. As práticas pedagógicas só podem existir e funcionar com seus respectivos saberes, que são concretos e imanentes, e não abstratos ou formulados apenas em nossas mentes.

Parece que essa não é a compreensão de Paulo Freire sobre os “saberes necessários à prática educativa”. Para contribuir com a qualidade desses saberes, é preciso, antes de qualquer intervenção, reconhecer que cada escola e cada universidade possuem práticas educativas e saberes imanentes a essas práticas, conforme suas determinações geohistóricas. Essas determinações definem os saberes e práticas que circulam no interior das instituições, ainda que participem de uma rede escolar integrada pelo Sistema Nacional de Ensino.

Freire destaca a importância de reconhecer que a qualidade do conhecimento necessário para a prática pedagógica depende do entendimento de como ele se articula

com as realidades concretas dos alunos e das escolas. Não se trata apenas de aplicar teorias ou saberes universais sem considerar o contexto, mas de uma adaptação crítica e reflexiva.

Nita Freire, em suas impressões sobre Pedagogia da Autonomia, reconhece a densidade das ideias apresentadas no livro e a capacidade de síntese de Paulo Freire. Ela enumera indicadores dessa capacidade: “maturidade, lucidez, simplicidade e vontade de abordar questões fundamentais para a formação dos educadores” (Freire 2021). Esses indicadores levam ao entendimento de que os saberes relacionados à formação dos educadores são o principal tema do livro.

Nita Freire (2021) também destaca adjetivos que podem ser atribuídos à linguagem de Paulo Freire: poética, política, calma, tranquila, inquieta, problematizadora, exuberante e a serviço do pensar, do decidir e do optar pela ação transformadora. Paulo Freire faz um chamado aos educadores para que assumam uma ética crítica, competência científica e amorosidade autêntica, sob a égide de um engajamento político libertador, ensinando seus educandos a serem seres mais humanos.

## 2. Do prefácio do livro: Edna Castro de Oliveira e os saberes necessários à prática educativa: um diálogo com Paulo Freire

Edna Castro de Oliveira foi uma educadora popular e estudiosa de Paulo Freire. Professora negra da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), educadora de jovens e adultos, tornando-se referência na luta pelo acesso à educação de pessoas que não se encaixava no padrão da escolar tradicional. Em suas publicações e práticas pedagógicas, Oliveira dialoga diretamente com os conceitos freirianos da educação libertadora, autônoma e consciência crítica, reforçando a ideia de que a prática educativa não deve se limitar ao simples e mecânico repasse de conteúdos, mas deve estimular os alunos nos processos de uma reflexão crítica e transformadora. (Oliveira, 2002).

O trabalho de Edna Castro de Oliveira é relevante por aproximar a teoria de Freire das práticas pedagógicas contemporâneas, especialmente no que diz respeito à valorização da autonomia dos alunos e à formação ética e crítica dos educadores. Sua contribuição perpétua e renova o legado de Paulo Freire, destacando a responsabilidade dos professores na construção de uma educação mais justa e transformadora.

Paulo Freire reflete sobre a natureza da ação educativa crítica e sua relação com a vida e os processos transformadores “Uma das exigências da ação educativa crítica:

testemunhar a disponibilidade para a vida e seus chamamentos [...] isso implica cultivar saberes necessários à prática educativa transformadora”. (Freire, 2021, p. 11).

Freire destaca que a ação educativa crítica não pode ser reduzida a um trabalho técnico ou mecânico de transmissão de conteúdos, ou seja, o processo educacional não pode ser resumido decorar e repetir o que é posto como algo enrijecido. Para Freire o ato de educar exige e necessita de sensibilidade, de um entendimento e um envolvimento mais próximo com a realidade dos educandos. A prática educativa deve estar ligada a capacidade e à disponibilidade para ouvir e envolver-se com as necessidades da vida e os "chamamentos" que dela emergem. Quando mencionamos os "chamamentos" levamos a reflexão aos desafios e necessidades que os educandos enfrentam diariamente, a falta de oportunidades, injustiças, a pobreza, entre outros.

Referem-se às demandas da realidade e aos desafios enfrentados por cada ser humano em comunidade. Um educador verdadeiramente comprometido com a educação transformadora requer estar, aberto e disponível para entender e reagir a essas necessidades, indo muito além de simplesmente passar conhecimento de forma mecânica; educar é contribuir com a formação dos educandos e ajudá-los a pensar criticamente sobre o mundo.

Em uma educação Freireana, o processo de construção do saber é dialógico e horizontal, envolvendo tanto educandos quanto educadores como autores e coautores do conhecimento. Portanto, os saberes construídos não são exclusivamente acadêmicos, mas também práticos e faz parte do cotidiano enraizado nas realidades dos indivíduos e das comunidades.

A autora Oliveira (Oliveira, 2021, p.11) compreende o cotidiano do professor como um espaço de reafirmação, negação, criação e resolução de saberes, que constituem conteúdos obrigatórios à organização programática e ao desenvolvimento da formação docente. Esse cotidiano é marcado pela complexidade e dinamicidade da prática docente, em que o professor constantemente reafirma, questiona, cria e resolve saberes em resposta às necessidades dos alunos e às exigências do ambiente escolar.

Segundo Freire, os saberes necessários à prática educativa transcendem os conteúdos cristalizados pela prática escolar tradicional. O educador progressista não pode prescindir desses saberes para exercer uma pedagogia da autonomia, fundada na ética, no respeito à dignidade e na autonomia do educando (Freire, 2021, p. 12).

A ética na pedagogia Freiriana não se limita ao respeito, mas envolve um compromisso com a dignidade humana e a justiça social. Para Freire, a autonomia não é algo dado, mas construído por meio de práticas pedagógicas que leva o aluno a refletir criticamente e agir de forma transformadora. A educação, nesse sentido, deve ser um processo dinâmico, reflexivo e emancipador, que promova a autonomia e a liberdade dos educandos.

### 3. O ato de conhecer e a educação emancipadora: reflexões a partir de Paulo Freire, Jacotot/Racière e Edna Oliveira

O horizonte desta discussão centra-se no ato de conhecer e em como Edna de Oliveira (2021) o caracteriza, conceitua e descreve. A partir de uma equação categorial condicionada pelo ato de conhecer, questiona-se como Paulo Freire aborda o respeito à dignidade e à autonomia do educando. O desacordo reside no fato de que a convivência amorosa com os educandos e a postura curiosa e aberta dos professores não é suficiente para que os atores pedagógicos assumam uma posição de sujeito sócio-histórico-cultural. Essa posição é determinada pelo ato de conhecer. Se esse ato for "bancário", os professores serão meras peças do maquinário do ensino, engrenagens de um sistema que não promove a autonomia intelectual.

O método universal de Jacotot/Rancière, o método de Paulo Freire e o método do Estudo Imanente rejeitam a educação bancária, na qual o estudante é um receptor passivo de conhecimento. Esses métodos propõem uma aprendizagem ativa, em que o aluno é coautor do processo educativo, enfatizando o diálogo, a autonomia e a reflexão crítica. O objetivo, portanto, desses métodos é emancipar os estudantes, tornando-os sujeitos ativos e críticos na construção do saber e na transformação social.

Desenvolvido no século XIX e ampliado por Jacques Rancière, o método universal propõe a educação sem a tradicional mediação hierárquica entre professor e aluno. Jacotot acreditava que todos os alunos são capazes de aprender sozinhos, sem a necessidade de um professor como fonte única de saber. Rancière (2002) enfatizou a igualdade intelectual, afirmando que todos são capazes de aprender sem a mediação de um "especialista". Nesse modelo, o professor é um facilitador, e o aluno, o principal agente de seu aprendizado. Esse método supera a educação bancária ao rejeitar a ideia de que o professor é o único detentor do conhecimento.

Paulo Freire critica fortemente a educação bancária em sua obra "Pedagogia do Oprimido" (2021). Para Freire, a educação deve ser um processo dialético e problematizador, no qual o educando é um sujeito ativo na construção do conhecimento. Ele propõe uma educação baseada na escuta, no diálogo e na reflexão crítica, visando à conscientização do aluno sobre sua realidade e ao desenvolvimento de sua autonomia. Freire defende que a educação não pode ser um processo de "depositar" saberes, mas de problematizar a realidade, desenvolvendo a capacidade crítica do educando para que ele se torne agente de transformação social.

O método do Estudo Imanente, proposto pelo professor Dr. Ciro Bezerra (Bezerra, 2019b), também supera a educação bancária. Esse método enfatiza que o conhecimento não deve ser imposto de fora, mas construído internamente pelo estudante, personificado na figura do/a estudioso/a, a partir de sua experiência direta e pessoal com o conteúdo. O estudo imanente sugere que o conhecimento seja fruto do trabalho de estudo regular, sistemático e método de si, em si e por si, ou seja, pelo próprio estudante que estuda continuamente, de modo a construir as bases e fundamentos que contribua na compreensão da sua relação com o mundo e com o saber, sendo sempre contextualizado na experiência pessoal de cada um. Esse método aproxima-se das propostas de Freire, Jacotot e Rancière, ao ver o aprendizado como um processo ativo, reflexivo e de construção da autonomia.

A pesquisadora Oliveira (2021) defende que não há incompatibilidade entre competência e rigor técnico-científico e a amorosidade nas relações educativas. A amorosidade ajuda a construir um ambiente favorável à produção do conhecimento, desmistificando a figura do professor. No entanto, a amorosidade não é suficiente se a ação pedagógica for bancária. A educação bancária, criticada por Freire, reforça a passividade dos alunos e dificulta a conquista da autonomia intelectual. Portanto, é essencial que a prática pedagógica integre rigor técnico-científico e amorosidade, promovendo um ambiente educativo que valorize o conhecimento e o desenvolvimento integral dos alunos.

A posição de Oliveira, embora abstrata, sugere uma reflexão profunda sobre o ato de conhecer e a prática pedagógica. Ela defende que a educação deve romper com a concepção bancária, permitindo que o sujeito participe do ato de conhecer como objeto de mediação nas relações educativas. A educação, em um sentido gnosiológico, é uma

situação que estabelece a comunicação entre o sujeito e o aprendiz, permitindo que o sujeito participe ativamente do processo de conhecimento.

### **PRIMEIRAS PALAVRAS: REFLEXÕES SOBRE AUTONOMIA, ÉTICA E PRÁTICA EDUCATIVA EM PAULO FREIRE.**

No decorrer do estudo deste capítulo, surgem vários questionamentos, tais como: o que significa, para Paulo Freire, ser autônomo enquanto educando? Como os educandos conquistam a autonomia? Quais são as características do ser autônomo? E o que impede os educandos de alcançarem essa autonomia?

Outros temas relacionados ao mesmo problema incluem: i) a análise dos saberes fundamentais à prática educativa, especialmente os saberes éticos. ii) a compreensão de que formar vai além de treinar o educando no desempenho de habilidades técnicas. iii) a discussão sobre a ética universal do ser humano.

Este pequeno livro é permeado, em sua totalidade, pelo sentido da necessária eticidade, que expressa à natureza da prática educativa como prática formadora. A eticidade está intrinsecamente associada à natureza da prática educativa, que é, por essência, formadora.

Durante o estudo, surgiram questionamentos tais como os elencados abaixo quais serão discutidos posteriormente: O que é ética para Paulo Freire? Por que os "saberes pedagógicos" estão em crise? O que são os "estudos das ciências da educação"? Quais autores realizaram esses estudos? Eles foram publicados? Como acessá-los? Quais são as "fontes legítimas de saberes"?

Paulo Freire discute que os "saberes pedagógicos" em sua dimensão ética estavam em crise, ao abordar a desvalorização do conhecimento pedagógico frente a outras formas de saber. Para ele, a educação deveria ser um espaço de diálogo e valorização dos saberes dos educandos e da prática dos educadores. Ele também enfatizava a necessidade de uma pedagogia crítica, capaz de unir teoria e prática, superando a fragmentação do conhecimento, assim como dando ênfase à dimensão da ética na produção dos saberes pedagógicos. Ele defendia a valorização de quatro fontes de saberes:

1. Saberes populares: conhecimento acumulado pelas comunidades e grupos sociais.
2. Práticas culturais: experiências e tradições locais.

3. Saberes cotidianos: vivências diárias dos educandos.

4. Experiências concretas: práticas pedagógicas que conectam teoria e realidade.

Freire acreditava que o educador deveria respeitar e dialogar com essas fontes, integrando-as ao processo educativo, em vez de desconsiderá-las ou tratá-las como inferiores. Essa postura valoriza a diversidade de experiências e promove uma educação libertadora.

A categoria "ética universal do ser humano" não faz sentido, segundo Freire, porque se trata de uma abstração que só existe na imaginação. A ética concreta, por outro lado, manifesta-se nas atividades humanas. Ele identifica duas grandes éticas:

1. A ética imanente às artes de viver: também chamada de ética das virtudes.

2. A ética imanente à aprendizagem profissional.

Freire reconhece a relevância da ética necessária à prática formativa, mas rejeita certos traços éticos, como:

- A ética do discurso ou do cinismo no discurso.
- A ética que fortalece a exploração da força de trabalho.
- A ética que promove acusações infundadas.
- A ética que falseia a verdade, ilude, golpeia os fracos e soterra sonhos.
- A ética que promete sem cumprir, testemunha mentiras e fala mal dos outros.

Para Freire, a ética verdadeira é aquela que se opõe a comportamentos imorais e discriminatórios, seja em relação à raça, gênero ou classe. Essa ética deve permear todas as interações entre educadores e educandos, sendo a essência da prática educativa humanizadora.

Freire elenca princípios e diretrizes para materializar essa ética:

- Lidar com os conteúdos de forma crítica e reflexiva.
- Citar autores com respeito, mesmo quando discorda de suas obras.
- Evitar críticas baseadas em leituras superficiais ou incompletas.

Paulo Freire, ainda reflete sobre a formação humana, destacando duas formas distintas:

1. Formação profissional: vinculada à ética mercantil, voltada para o mercado de trabalho e a produtividade.

2. Formação pedagógica: orientada pela ética das virtudes, que busca a construção de valores humanos e a transformação social.

A formação profissional, ao estar atrelada ao mercado, muitas vezes reduz o ser humano a uma peça da engrenagem produtiva, negligenciando aspectos mais profundos da existência. Já a formação pedagógica proposta por Freire visa ao desenvolvimento de virtudes intrínsecas ao ser humano, como respeito, solidariedade e ética, promovendo uma educação crítica e transformadora.

Freire critica a prática educativa bancária, modelo tradicional em que o professor é visto como detentor do saber e o aluno como receptor passivo. Esse modelo bloqueia a criatividade, o pensamento crítico e a liberdade do estudante. Em contrapartida, ele propõe a prática educativa libertária, baseada no diálogo e na coparticipação entre educadores e educandos, visando à emancipação e à transformação da realidade. Assim, para Freire, a educação é uma prática essencialmente ética, que promove a libertação, a consciência crítica e a justiça social. Ele defende que a transformação social deve ser guiada por princípios éticos que respeitem a dignidade humana e a liberdade.

### **Figura 3 – A Ética Universal: A Marca Inerente da Natureza Humana em Paulo Freire**

Ética universal do ser humano = Marca da natureza humana.



Absolutamente indispensáveis à convivência humana.

**Fonte:** A autora (2024)

Quando Paulo Freire fala da ética universal do ser humano, que é uma das marcas da natureza humana e, portanto, absolutamente indispensável à convivência humana, é porque ele está advertindo das possíveis críticas que, os infieis ao seu pensamento, o apontam como ingênuo e idealista. No seu entendimento ele argumenta que a ética universal do ser humano da mesma forma como fala da vocação ontológica do ser humano para ser mais, ser mais humano do que é hoje, discute a sua natureza constituindo-se social e historicamente não (Freire, 2021, p. 19) como um a priori. (Freire, 2021, p.20). A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na história por que não na geografia? (Freire, 2021, p.20).

Isso ocorre quando dissociamos ou abstraímos os valores e a valoração das atividades e os autonomizamos. Esta autonomização é o que gera a moral e a noção de ética se resvala para a moral, o dever e a obrigação. Exemplos disso são os provérbios e máximas que se exteriorizam como criação exclusivamente mental, sem qualquer referência ou ligação com a realidade dos mundos do universo humano. Paulo Freire está abordando a ideia de que, quando dissociamos os valores e a valoração das atividades humanas da realidade concreta em que elas acontecem, estamos criando uma autonomização desses conceitos, ou seja, tratando-os como algo separado das relações humanas e sociais reais. Ao fazer isso, os valores se tornam abstratos, desconectados das vivências e da prática cotidiana das pessoas.

Freire sugere que essa dissociação gera um processo em que moral e ética se transformam em algo que está mais ligado ao dever e à obrigação, em vez de estarem imersos no contexto real das ações e interações humanas. Em outras palavras, quando se perde a conexão entre a moral/ética e a vida real das pessoas, elas passam a ser vistas apenas como regras ou normas a serem seguidas, sem um entendimento profundo de sua relação com as condições de vida e as necessidades humanas.

Exemplos que Freire cita são os provérbios e máximas. Estes são ditados ou frases de sabedoria popular que muitas vezes apresentam conselhos ou normas de conduta como verdades absolutas, sem levar em consideração a realidade concreta em que as pessoas vivem. Eles tendem a ser apresentados como algo de natureza mental e abstrata, sem se referir às dificuldades, necessidades ou contextos específicos de quem os escuta ou os segue. Esses ditados podem, portanto, se tornar vazios, porque não consideram as experiências individuais e coletivas das pessoas, e não promovem uma reflexão crítica sobre as condições sociais que influenciam as escolhas e comportamentos.

O problema da moral é que ela não nos oferece qualquer possibilidade de resolver as suas causas e origens, que é o mundo real. As soluções morais revelam-se, para nós sempre como aprimoramento delas mesmas, como reformas sempre possíveis, mas que se mostram, com o tempo, insolúveis (inconsequentes).

A moral não tem condição de resolver as contradições de si mesma, ou de si com a realidade. Porque no fundo, o problema fundamental é sempre ou está sempre no mundo das humanas. A moral, como consequência dele, apenas o fortalece e o ajuda a reproduzir-se. Freire argumenta que a moral, no sentido convencional, não consegue abordar as

causas e as origens dos problemas humanos, pois ela está desconectada da realidade concreta e das condições materiais da vida.

Em vez de oferecer soluções para as contradições sociais e as injustiças, a moral tende a se concentrar em melhorias superficiais ou em reformas que são sempre possíveis de serem feitas, mas que nunca chegam a resolver os problemas de forma profunda. Ele vê essas reformas morais como algo insolúvel ou inconsequente, pois elas não atacam as causas estruturais das desigualdades e das injustiças que afligem a sociedade.

A moral, em sua forma tradicional, não consegue lidar com as contradições internas de si mesma, ou com as contradições entre a moral e a realidade social, porque ela não questiona as estruturas sociais que criam e perpetuam essas contradições. Freire sugere que, ao invés de transformar a realidade, a moral acaba apenas reforçando o status, ou seja, a ordem existente. Ela ajuda a manter as condições de opressão, sem questioná-las ou modificá-las profundamente.

Em outras palavras, Freire está afirmando que a moral tradicional não é uma ferramenta de transformação social, pois ela não pode questionar as estruturas de poder, as injustiças sociais e as desigualdades. Ela tende a agir como uma força conservadora, que mantém a ordem estabelecida e não consegue resolver os problemas fundamentais que estão enraizados no mundo humano, como as condições de exploração, opressão e alienação. Nas palavras de Freire,

É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular [...] mais do que um ser humano, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si próprio”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença que intervém que transforma, que fala do que faz, mas, também do que ele sonha, compara, avalia, valora, que decide e que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. *A ética se torna inevitável e sua transgressão possível e um desvalor, jamais uma virtude.* (Freire, 2021, p.20, grifos nossos).

Assim, a ética Freiriana que pressupõe marca da natureza humana, mas que um exercício de memorização e repetição é uma prática social, humana e comprometida com a virtude, uma ética que é crítica de todas as formas de exploração do homem pelo homem como ser social:

Quando falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, inato e essencial para a convivência humana. A fazê-lo estou advertindo possíveis críticas que [...] me apontaram como ingênuo e idealista. Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo da sua vocação ontológica para ser mais, como de sua natureza constituindo-se social e historicamente não um a priori da história. (Freire, 2021, p 19- 20).

A ética, portanto, como ética universal deve ser concebida como natureza humana e histórica em processo de estar sendo com conotações humanas no mundo como algo original e singular, portanto, ética humana e virtuosa. Assim, mais do que um ser fundamental, a ética é uma expressão do reconhecimento da própria presença do ser humano no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si próprio”.

Presença que se pensa a si mesmo em relação aos outros no mundo, visto sermos seres de ação, pensamento e de ética. Porém, em que é feito esse pensamento? É possível conhecer essa consciência de si nesse “saber” e conhecimento ético do mundo? Como? Quem intervém e quem transforma o que fala no que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, que decide e que rompe. “É no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais virtude”. (Freire, 2021, p.20). Portanto, a ética é uma ação de responsabilidade, uma via de mão dupla, emanada de - Éticidade ⇔ responsabilidade.

É possível transgredir a ética? Como? Por acaso a ética é lei, norma moral? Como transgredir a ética se esta é imanente à atividade, por exemplo, a atividade educativa e /ou atividade do estudo? Ou ainda atividade do ensino? A ética é imanente às atividades laborais?

Ética universal do ser humano, marca da natureza humana, indispensável à convivência humana.

- ✓ Ética universal do ser humano;
- ✓ Vocação ontológica para o ser mais;
- ✓ Natureza constituindo-se social e historicamente;
- ✓ A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na história. É uma natureza em processo de estar sendo como algumas conotações fundamentais sem as quais

não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo, como algo original e singular.

Nas palavras e reflexões de Freire, está no mundo é viver comprometido com a ética,

Presença humana no mundo. Mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si próprio”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, do que sonha, constata, compara, avalia, valora, decide e rompe. (Freire, 2021, p.20).

Freire se refere na citação anterior ao ser humano como alguém que interage com o mundo e com os outros, e essa interação permite o autoconhecimento. Ao se deparar com o outro (o "não eu"), o ser humano é levado a se reconhecer como um ser distinto, mas ao mesmo tempo parte de um todo coletivo. Freire afirma que a verdadeira presença humana é caracterizada por reflexão e ação. Ou seja, o ser humano não é passivo ou apenas espectador do mundo; ele pensa sobre si mesmo, age para transformar sua realidade, e toma decisões para modificar o que precisa ser mudado. Ele também tem a capacidade de avaliar e romper com velhas estruturas, buscando sempre novas possibilidades e soluções para os problemas enfrentados.

Paulo Freire, nas citações acerca da ética, acredita que a mesma se torna fundamental quando o ser humano que se encontra em situações de decisão e escolha. É no momento em que somos livres para avaliar, e até romper com certas realidades que a responsabilidade ética se impõe. A ética, para ele, não é algo opcional, mas algo necessário para orientar nossas ações e escolhas. Freire também afirma que a transgressão da ética (ou seja, agir de forma desonesta ou injusta) nunca pode ser vista como virtude, mas sim como um desvalor, ou seja, algo que diminui a dignidade humana. A ética é essencial para a construção de uma sociedade justa e para a responsabilidade nas decisões que tomamos, e agir de forma contrária a ela é um erro que não pode ser justificado como algo positivo.

Nas palavras de Freire, ‘atos implícitos em seu significado para além do vínculo direto e imediato que mantém com os objetos da realidade’. “Seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença”. (Freire, 2021, p.22).

Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-se no mundo. Se for puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que falo (no mover-me no mundo). Carecer de responsabilidade, não posso falar de ética e negar os condicionamentos a que estamos submetidos.

Responsabilidade ética  $\Leftrightarrow$  Ética é compreender que

[...] Estamos submetidos aos condicionamentos genéticos, culturais, sociais [...] somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo o futuro é problemático e não inexorável (Freire, 2021, p.20).

Paulo Freire, ao afirmar que "estamos submetidos aos condicionamentos genéticos, culturais, sociais [...] somos seres condicionados, mas não determinados", nos convida a refletir sobre a natureza do ser humano e sua relação com o contexto em que vive. Ele reconhece que, de fato, estamos imersos em uma rede de condicionamentos que influenciam nossas ações, pensamentos e comportamentos – sejam eles oriundos da genética, da cultura ou da sociedade em que estamos inseridos. No entanto, Freire destaca que esses condicionamentos não nos determinam de forma absoluta. Somos seres históricos, capazes de refletir sobre essas influências e agir para transformá-las.

A ideia central dessa afirmação está na capacidade humana de tomar decisões conscientes, ou seja, temos a liberdade de, apesar das limitações impostas pelos condicionamentos, refletir sobre nossas ações e alterar nosso percurso. A "história como tempo de possibilidade" sugere que o futuro não está predeterminado, mas aberto a diferentes caminhos. O que se coloca como desafio é justamente a ideia de que o futuro não é algo inevitável ou pré-determinado, mas algo que está em constante construção e que depende das escolhas e das ações dos sujeitos, em um contexto de problematização constante da realidade.

Durante o estudo surgem alguns questionamentos que serão explicados em seguida. Não é possível existir ou ser no mundo sem presença no mundo. Ser é estar presente, no mundo ou em qualquer lugar? O problema ou questão que Paulo Freire enuncia não tem base empírica. Não pensar errado baseado em pesquisa. “se reconhece a si próprio” no outro?

Segundo Paulo Freire, a afirmação "não é possível existir ou ser no mundo sem presença no mundo" reflete a ideia de que o ser humano é, por essência, um ser relacional.

Para ele, não podemos entender a existência humana de forma isolada ou abstrata, pois o ser humano se define; se constrói e se realiza nas relações com o mundo e com as outras pessoas. O "ser" está diretamente ligado à "presença", ou seja, ao engajamento ativo com o ambiente, com os outros e com a sociedade em que se insere.

A frase "se reconhece a si próprio no outro" é uma ideia central em sua pedagogia. Ela sugere que nossa identidade e compreensão de nós mesmos só podem ser construídas por meio do reconhecimento do outro. O outro, em Freire, não é apenas alguém com quem interagimos, mas também uma pessoa que nos permite refletir sobre nossas próprias ações, ideias e valores. A relação com o outro é essencial para a formação da nossa consciência crítica e do nosso processo de autoconhecimento.

Em relação à afirmação de que "o problema ou questão que Paulo Freire enuncia não tem base empírica", Freire propõe uma reflexão filosófica e ética, não uma abordagem científica ou empírica. Seu trabalho se baseia na conscientização e na transformação social, buscando questionar e transformar a realidade através da reflexão e da ação no mundo. A educação, segundo Freire, deve ser um processo dialógico, que envolve a troca de experiências e conhecimentos entre educador e educando, e não uma prática baseada em dados ou pesquisas objetivas. Portanto, para Freire, "ser" é existir ativamente no mundo e se reconhecer no outro, sendo que esse processo não depende de uma base empírica ou científica, mas sim de uma prática constante de reflexão crítica e ação transformadora, com o objetivo de emancipar e libertar os indivíduos. Portanto, somos até **CONDICIONADO** POSSIBILIDADE  $\neq$  DETERMINADO. Somos até condicionados, mas nunca determinados.

Paulo Freire conclui as suas primeiras palavras sobre o livro com uma crítica ao neoliberalismo e seu fatalismo histórico: A ideologia fatalística, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo com ares de pós-modernidade insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar "quase naturais". Frases como "a realidade é assim mesmo, o que podemos fazer?" ou "o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século" expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora.

Para o neoliberalismo só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O que se precisa é o treino técnico indispensável à adaptação do educando à sua sobrevivência [...] o livro é um não, a esta ideologia, que nos nega e nos amesquinha. Sobre o que o livro necessita? Necessita que

o leitor ou a leitora a ele se entregue de forma crítica, crescentemente curiosa. (Freire, 1996).

## **PRÁTICA DOCENTE: PRIMEIRA REFLEXÃO**

Interesse central ou objetivo geral deste primeiro capítulo é considerar os saberes que apresentam como indispensáveis à prática docente de educadores ou educadoras críticos, progressistas, alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores. É saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora.

O que Paulo Freire concebe como saberes indispensáveis à prática docente em si? Os saberes necessários à prática educativa em si, são princípios morais; são deveres? Esses saberes podem se referir à natureza da prática docente progressista ou conservadora ou da prática educativa mesma, independentemente de sua cor, política ou ideologia? O que é prática para Paulo Freire?: “A importância de refletir sem esses saberes é que eles estão implicados com a formação docente e a prática educativo-crítica”. (Freire, 2021, p. 24)

Paulo Freire concorda com uma das proposições mais relevantes do estudo imanente: **o saber está no fazer**. Mas na teoria do estudo imanente este saber a que se refere não é o saber tácito, empírico, que apenas enfatiza que o saber intelectual está no reescrever trabalhos acadêmicos, reinventar o trabalho acadêmico e o livro didático. Mas em Paulo Freire este saber é o saber tácito<sup>1</sup>. Tácito: vem do latim Tacitus, que significa “não expresso por palavras”. Ou seja, o conhecimento mais difícil de ser transmitido às outras pessoas. O conhecimento que não consegue ser adquirido através de treinamento teórico. Ele é frequentemente adquirido por meio da experiência prática, da vivência e da interação direta com o mundo, em oposição ao conhecimento explícito, que pode ser ensinado de maneira formal e teórica.

Ao associar isso a Freire, podemos compreender que o conhecimento tácito envolve saberes que emergem da prática e da vivência, especialmente nos contextos de educação popular, em que a experiência do aluno é central no processo de aprendizagem. Freire

---

<sup>1</sup>Tácito: Vem do latim Tacitus, que significa “não expresso por palavras”. Ou seja, o conhecimento mais difícil de ser transmitido às outras pessoas. O conhecimento que não consegue ser adquirido através de treinamento teórico.

acreditava que o verdadeiro aprendizado não vem apenas dos ensinamentos teóricos, mas também da troca de experiências e do diálogo, no qual o conhecimento tácito de cada indivíduo se encontra com o saber dos outros. Exemplos de conhecimentos tácitos que identificamos na obra de Freire,

Exemplo 1:

O ato de cozinhar supõe alguns saberes coerentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais ou para menos a chama, como lidar com certos riscos de incêndio (Freire, 2021, p.23), como harmonizar os temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns dos saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro (Freire, 2021, p.24).

Exemplo 2:

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes. (Freire, 2021, p.24).

A partir dos exemplos tácitos apontados por Freire, emerge as seguintes reflexões. A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/ prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo (Freire, 2021, p.24). O que interessa a Paulo Freire? Qual o seu objetivo? Alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente?

Discutir alguns saberes fundamentais à prática educativa - crítica ou progressista. Saberes que devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdo cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível deve ser elaborada na prática formadora 1.

É preciso que os formandos, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito da produção do saber se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos. Então é o que? É criar as possibilidades para a sua formação ou a sua construção. A definição de ensinar é, sobretudo, um saber indispensável, ensinar é criar possibilidades para a produção ou construção do conhecimento. (Freire, 2021, p. 24).

Paulo Freire definiu o que é ensinar: é criar as possibilidades para produzir ou construir conhecimento (Freire, 2021, p.24). Essa definição é uma crítica à pedagogia bancária.

Se na experiência formadora, que deve ser permanente [regular] aceitar-se que o formador é o sujeito em relação ao formando que é o objeto, que o formador é o sujeito (Freire, 2021, p.24) que forma o formando, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos curriculares acumulados pelo sujeito que sabe e que são transferidos aos formandos. (Freire, 2021, p.25).

É possível criar essas possibilidades? Paulo Freire dá algum exemplo de como isso pode ser realizado? Por que sujeito? Por que no ensino bancário das instituições bancárias, o formador é tão subalterno ou objeto do currículo, que organiza pragmaticamente a formação tanto do formador quanto do formando? E como os formadores ou sujeitos acumulam os conhecimentos que sabem e que são transferidos aos formandos? Razão pela qual devemos fazer ontologia no presente. O que Paulo Freire nos alertou nas primeiras palavras: “*vocação ontológica para humanização infinita de si mesmo pelo estudo* (p.19) [...] *a natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na história* (p.20)” a partir do presente nos espaços vivos, da geografia social.

Ou seja, Paulo Freire, em suas obras, nos leva a refletir sobre o papel da educação na formação do sujeito, entendendo a educação não como um processo de transferência de conhecimentos, mas como um ato dialógico que promove a conscientização e a construção do sujeito autônomo. Freire nos alerta para a necessidade de uma educação que liberte, em que tanto o educador quanto o educando são protagonistas no processo, ao contrário do ensino bancário tradicional, que limita o educador a uma posição subalterna e passiva, visto que o currículo engessado molda suas ações.

Freire sugere que, para criar as possibilidades de uma educação emancipadora, é necessário que tanto os formadores quanto os formandos se reconheçam como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Ou seja, a formação deve ser um processo dinâmico, em que o educador e o educando interagem, questionam e refletem sobre a realidade de forma crítica, reconhecendo-se como agentes históricos capazes de transformar a sociedade.

O conceito de “ontologia no presente” que Freire menciona, e que diz respeito à vocação ontológica para a humanização infinita de si mesmo pelo estudo, é uma proposta de constante busca pela humanização, que se dá no processo de aprendizado, no qual a pessoa se constrói e se reconstrói por meio da educação e da reflexão crítica. Isso implica que a natureza do ser humano não é fixa, mas se desenvolve historicamente, através de suas práticas sociais e educativas, e por isso a ontologia precisa ser cuidada e construída no presente, pois é nas experiências cotidianas e sociais que ela se manifesta.

Portanto, a proposta de Freire para superar o ensino bancário e criar possibilidades de uma educação emancipadora é, essencialmente, promover a humanização através da reflexão crítica e da prática dialógica, na medida em que os sujeitos se reconhecem como participantes ativos no processo de construção do conhecimento e da sociedade.

A partir desta proposição Paulo Freire “embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado (Freire, 2021, p.25). Podemos com ele realizar algumas reflexões.

Nesta forma de compreender e criar o processo formador, o formando, o objeto agora, terá a possibilidade, amanhã, de se tornar o falso sujeito porque o formador que me forma também é um falso sujeito – aquele será amanhã o que este é hoje, eu sou você amanhã, reprodução das formas sociais pelo processo de personificação da forma social da formação do futuro objeto do ato formador (Freire, 2021, p.25) contra a lógica da pedagogia bancária a lógica da pedagogia libertaria é a seguinte: embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado (Freire, 2021, p.25).

Embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Paulo Freire entende que esta proposição elucida o fato de que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, não é ação pela qual um sujeito criador é dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.

A partir da leitura identificamos a crítica de Paulo Freire à educação bancária é apenas uma crítica à lógica da educação bancária. A crítica não se converte em ação política. A crítica de Paulo Freire se satisfaz com a crítica verbal. Considera que a redefinição ou conceituação é suficiente. O limite da crítica teórica é a crítica dos conteúdos e o limite da crítica dos conceitos é a política. Paulo Freire pressupõe que ao apresentar outro conceito de ensinar e formar ele resolve e supera o problema que o ensino bancário criou e estruturou em um sistema nacional de ensino.

Ao postular que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades de criá-los e produzir (Freire, 2021, p.24), na prática formadora, que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destreza (Freire, 2021, p.16), que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, deve assumir-se como sujeito da produção do saber do saber (Freire, 2021, p.25), que embora diferentes entre

si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem forma se forma a ser formado, que não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apenas das diferenças que conotam não se reduzem à condição de objeto um do outro, logo quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender; quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.

Com as considerações mencionadas acima Paulo Freire pressupõe que está contribuindo para a conscientização e libertação dos que ensinam e dos que aprendem. Bem, esta posição é uma ilusão, há de se transformar a teoria em prática, em ação política. O que Paulo Freire não faz.

É claro que Paulo Freire não pensa sobre essa questão, que são os pensamentos singulares. Ele segue pensando dando continuidade a sua lógica de pensar. E das proposições, anteriores sintetiza:

Do ponto de vista gramaticalmente o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo ensinar um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto - alguém. Radicalidade metafísica do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos inacabados e sobre o que funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é mais do que um verbo transitivo relativo. (Freire, 2021, p.25).

Na citação, Paulo Freire reflete sobre o conceito de "ensinar" e sua relação com a compreensão filosófica e pedagógica do ser humano. Freire começa destacando a natureza do verbo "ensinar", que é transitivo relativo. Isso significa que "ensinar" envolve dois elementos: um objeto direto (algo que é ensinado) e um objeto indireto (quem está sendo ensinado). A ideia é que o ato de ensinar não é um processo isolado, mas envolve uma interação entre quem ensina e quem aprende.

Freire vai além da gramática e leva essa reflexão para o campo da filosofia e da educação. Ele fala sobre a "radicalidade metafísica", o que indica uma profundidade de pensamento sobre a existência humana. Para ele, a educação não é algo mecânico, mas um processo profundo, que está ligado à visão de seres humanos como históricos e inacabados. Ou seja, Freire entende o ser humano como um ser em constante transformação, com uma capacidade de aprender, mudar e se desenvolver ao longo da vida.

Freire reforça que sua visão de ensinar transcende o simples ato de transmitir conhecimento (como o verbo "ensinar" pode sugerir) e se torna uma prática

transformadora. Ensinar, então, é uma prática de interação entre sujeitos, que estão em constante processo de construção do saber e do conhecimento, e não algo imposto de maneira autoritária ou unilateral. Para ele, a educação é um processo de diálogo e construção coletiva, alinhado com sua visão democrática e humanista de formação.

**Figura 4 - A visão pedagógica de Paulo Freire**

Paulo Freire se situa como democrático.	1. Compreensão dos humanos como seres históricos inacabados.
Paulo Freire se posiciona ou coloca como metafísico radical.	2. Funda a inteligência do processo de conhecer.

Portanto, ensinar é mais do que verbo transitivo relativo.

**Fonte:** A autora (2024).

Paulo Freire apresenta sua visão sobre o relacionamento intrínseco entre ensinar e aprender. Freire argumenta que ensinar e aprender não são ações independentes, mas sim interdependentes. Não há ensino real sem aprendizagem, e não há aprendizagem sem ensino. O ato de ensinar só se concretiza quando há aprendizagem, assim como a aprendizagem só ocorre de maneira significativa quando o ensino é eficaz. Para Freire, o processo educacional deve ser dialógico e recíproco, onde o professor e o aluno estão envolvidos no processo de construção do saber.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar – aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética. Nesse extrato de texto é evidente que embora crítico a forma binária ou dualista da prática educativa, da experiência formadora. Paulo Freire não consegue se desfazer da lógica binária e dualista da pedagogia bancária. Em sua pedagogia libertária–progressista se mantém as figuras de quem forma e de quem é formador. Semelhante às figuras de quem ensina e de quem é ensinado, sujeito e objeto. Persiste a lógica do ensino em seu inconsciente; a sombra do bancarismo persiste assombrando o seu pensamento. “Forma” o quê? A pessoa? A cabeça? A mente?

Este trecho reflete uma crítica interessante sobre a contradição presente na obra de Paulo Freire, especialmente entre os conceitos de sua pedagogia libertária e o que é visto como um resquício da pedagogia bancária. Freire, ao longo de sua obra, critica profundamente a pedagogia bancária, que entende o ensino como um processo em que o professor deposita o conhecimento no aluno, como se ele fosse uma "carta vazia" que precisa ser preenchida. Para Freire, essa abordagem é opressiva e desumanizadora, pois trata os alunos como objetos passivos do ensino, negando sua capacidade de ser sujeito no processo de aprendizagem.

Freire propõe uma pedagogia libertária e progressista, em que o ensino se torna um processo dialógico e crítico, em que professores e alunos trocam saberes, questionam, aprendem juntos, e ambos são sujeitos ativos na construção do conhecimento.

No entanto, neste trecho, a crítica que está sendo feita é justamente que, embora Freire tenha desenvolvido uma pedagogia progressista e transformadora, ele ainda não se desfaz totalmente da lógica binária ou dualista em sua forma de pensar a educação. A crítica central aqui é que, em sua proposta, Freire ainda mantém as figuras de quem "forma" e quem "são formadas", de quem "ensina" e quem "é ensinado", e até de sujeito e objeto. Essas relações foram identificadas na construção do quadro categorial, como expresso abaixo.

#### Quadro 1 - Categorical ensinar e formar

<b>Categorias</b>	<b>Conceito</b>
1. Ensinar:	É criar possibilidades e criar conhecimento. Não é transferir
2. Formar:	O que é? Não é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e a como dado. Então, o que é formar?

**Fonte:** A autora (2024).

Quando Freire faz uma análise da "sombra do bancarismo", ele está se referindo à persistência de velhas práticas e modelos que, mesmo nas suas tentativas de transformação, ainda influenciam suas propostas. Cabe, portanto o questionamento "Forma o quê? A pessoa? A cabeça? A mente?" Freire, ao falar de "formação", propõe que o ensino não deve se limitar a preencher as mentes dos alunos com informações, mas sim despertar a consciência crítica, a autonomia e a capacidade de transformação.

Ainda acerca da crítica ao bancarismo em educação, Freire argumenta:

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer. Em que pense o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a do construído cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do bancarismo. [...] O necessário é que subordinado à prática bancária o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se de certa forma o “imunizar” contra o poder apassivador do bancarismo. (Freire, 2021, p.27).

Para Freire, mesmo em um sistema educacional tradicional e autoritário a "prática bancária", em que o conhecimento é apenas transmitido de forma passiva ao aluno, é importante que o educando mantenha sua curiosidade e pensamento crítico, porém identificamos que não é uma ação fácil. Porém, o que nos acalenta são as palavras dos autores que menciona que "gosto pela rebeldia" significa a capacidade de questionar, explorar e desafiar o que foi imposto, estimulando o aluno a ser mais ativo e criativo. Freire sugere que, ao manter essa atitude de rebeldia, o aluno se "imuniza" contra a passividade que a prática bancária tenta impor, preservando sua autonomia e capacidade de transformação. Nas palavras de Freire “É a força criadora do aprender de quem fazem parte (verdadeiro ensinar) a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita que supera os efeitos negativos do falso ensinar” (Freire, 2021, p.27).

Então, o verdadeiro ensinar, para Paulo Freire, é uma das significativas vantagens dos seres humanos – a de se terem formado capazes de ir mais além de seus condicionantes. O verdadeiro ensino, para ele, é aquele que estimula a reflexão crítica e a autonomia do aluno, permitindo que ele vá além das limitações impostas por sua realidade ou contexto social.

### **Professor bancário ≠ Educador problematizador**

Em vários momentos da obra, Freire argumenta acerca da diferença do **professor bancário** ≠ **Educador problematizador**. Para ele o educador bancário tem o modelo de ensino que é baseado na ideia de que o conhecimento é algo a ser depositado no aluno, de forma passiva. O educador transmite informações, e o aluno as recebe sem questionamento, sem participação ativa. O papel do aluno é receptivo e não crítico, assim

como o conhecimento é visto como algo pronto e acabado, que não envolve reflexão ou transformação.

Já o educador problematizador busca envolver o aluno em um processo de interação e reflexão crítica. Ele não vê o aluno como um receptor passivo, mas como um sujeito ativo na construção do conhecimento. O educador problematizador propõe questões e problemas que desafiam o aluno a pensar e agir de forma crítica e consciente sobre sua realidade, buscando sempre a transformação. Freire acredita que o ensino verdadeiro vai além da simples transmissão de conteúdo. Ele é um processo de diálogo, no qual educadores e alunos aprendem juntos e se ajudam mutuamente a superar suas limitações, construindo conhecimento de forma ativa e transformadora.

### 1.1 Ensinar exige rigorosidade metódica

Freire menciona que a rigorosidade metódica não pode ser confundida com “bancário”, que prega que o educador é um mero transmissor de conteúdo. Pelo contrário, o educador tem o papel de instigar, questionar, inquietar o educando no seu processo de aprendizagem. Ou seja, a maneira de ensinar desenvolve no educando a curiosidade, o questionamento e a crítica no que se pode conhecer.

Para tanto, ao educador crítico e problematizador o processo educativo requer planejamento, organização e uma abordagem estruturada para garantir que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados de maneira eficaz. Para Paulo Freire, essa rigorosidade não se traduz em uma rigidez inflexível, mas sim em um compromisso ético com a qualidade do ensino. O professor deve adotar métodos que sejam coerentes com as necessidades dos educandos, ao mesmo tempo em que mantém um alto nível de reflexão e análise crítica sobre suas práticas.

Freire critica veementemente a educação bancária, ou seja, a ideia de ensinar é transferir ou depositar conhecimento, acredita-se que quando ensinamos algo a alguém aprendemos também ao ensinar. Nas primeiras palavras de Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire destaca que ensinar exige uma série de posturas éticas e intelectuais, entre elas o respeito à autonomia dos educandos e o compromisso com uma educação libertadora. Ele afirma que a prática educativa deve ser dialógica e promover a consciência crítica dos alunos, desafiando a reprodução de conhecimento de forma

mecânica e descontextualizada. A ideia central é que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a construção conjunta do saber.

A contradição com Estudo Imanente surge quando o conhecimento é visto apenas de forma estática, limitado ao contexto imediato do aluno, sem permitir que ele transcenda suas experiências e alcance uma compreensão mais ampla do mundo. Embora o Estudo Imanente valorize as vivências concretas dos educandos, é essencial que o educador use essas experiências como ponto de partida, mas não como fim. Deste modo, a educação deveria permitir que o aluno fosse além do seu contexto, ampliando sua visão de mundo e sua capacidade crítica. A contradição, então, se resolve quando o Estudo Imanente se alia ao processo de reflexão crítica, em que a experiência vivida é reconhecida, mas também desafiada e ampliada, em busca de uma compreensão mais profunda e transformadora da realidade.

Paulo Freire destaca que o educador democrático deve seguir alguns princípios e deveres para fortalecer a capacidade crítica do educando, sua curiosidade e insubmissão. Suas ideias são uma crítica à educação bancária, que trata o ensino como uma simples transferência de conteúdo. As proposições de Paulo Freire sempre foram contra a pedagogia, ensino e educação bancária, no sentido de negar essa proposta, ele enfatiza: “Tarefas primordiais” trabalhar com os educandos a rigorosidade metodológica como que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis”. (Freire, 2021, p.28).

Assim, destacamos que esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso bancário meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. Ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. Freire propõe uma abordagem mais profunda e crítica para o ensino, em que a aprendizagem não se limita a um tratamento superficial do conteúdo. Pelo contrário, Freire defende que o ensino deve criar condições para que o aluno se envolva ativamente no processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades para pensar criticamente sobre o mundo e sobre o conhecimento que está sendo posto. Para Freire, ensinar não é apenas passar informações, mas criar um ambiente em que os alunos possam refletir, questionar, participar e construir seu próprio entendimento de maneira significativa.

Dessa forma, Freire enfatiza a importância do papel do educador de que sua tarefa não é apenas ensinar os conteúdos ou transferir, mas também ensinar a pensar certo, não

se tornar mecanicamente um memorizador. Nesse pensar certo o educador deixa transparecer o que ele chama de “boniteza” de como compreendemos estar com o mundo e com o mundo como seres históricos. Freire apresenta outra categoria como o ciclo gnosiológico, ou seja, objeto cognoscível que apresenta o conhecimento do que se pode conhecer.

Deste modo, Ensinar [...] se alonga à aprendizagem crítica das condições em que aprender criticamente é possível. E como o educando pode manter vivo o gosto da rebeldia? Essa categoria: força criadora do aprender não é demasiado abstrata? Como essa força é desperdiçada pela prática educativa? Como ela opera na formação dos educadores e educandos? “Reforçar” como?

Para Freire, a rebeldia não é uma resistência irracional, mas uma atitude ativa de questionamento que aguça a criatividade, a reflexão e a autonomia do educando. Manter essa "rebeldia" significa, portanto, não aceitar passivamente o que é imposto, mas buscar entender, questionar e transformar a realidade.

A força criadora do aprender que Freire menciona está relacionada à capacidade de aprender de forma ativa, participativa e transformadora, buscando novas possibilidades e soluções criativas para os problemas enfrentados. No entanto, ele questiona se essa força não seria, de fato, abstrata demais, e como ela pode ser desperdiçada ou ignorada pelas práticas educacionais tradicionais, como a prática bancária (em que o conhecimento é "depositado" no aluno).

Freire também se preocupa com a maneira como essa força criadora, presente tanto nos educadores quanto dos educandos, pode ser reforçada. Em vez de impor um conteúdo de maneira rígida, a educação deve estimular a reflexão crítica, a participação ativa e a autonomia, permitindo que a criatividade do aluno se manifeste. Ele sugere que essa força pode ser reforçada por meio de uma educação dialógica, que seja interativa, questionadora e que incentive os educandos a construir o conhecimento em colaboração, em vez de apenas recebê-lo de forma passiva.

Desta forma, encontramos em toda obra de Freire que em uma educação libertadora, os educandos não são apenas receptores passivos de conhecimento, mas se tornam ativos na construção e reconstrução do saber. Ou seja, ao aprender, os estudantes não estão apenas recebendo informações, mas interagindo com elas, questionando e construindo o conhecimento de maneira crítica. Ao lado do educador, que também é visto como sujeito do processo e não apenas como transmissor de saberes, os educandos são protagonistas

de sua própria aprendizagem. O educador, portanto, não é alguém que apenas transmite conhecimento, mas alguém que dialoga com os educandos, estimula a reflexão crítica e compartilha a responsabilidade pela construção do saber. Assim, para Freire, o processo de aprendizagem deve ser um esforço conjunto, no qual educadores e educandos se ajudam mutuamente a construir o conhecimento, promovendo uma educação mais democrática, emancipadora e transformadora. Nas palavras de Freire “Só assim podemos falar realmente de saber ensinado em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos”. (FREIRE, 2021, p.28).

“Só “nessas” condições verdadeiras de aprendizagem crítica” em que os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber conhecimento ensinado. Percebe-se a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.

Tarefa docente:

1. Ensinar conteúdos.
2. Ensinar a pensar certo.

Ainda relacionada à tarefa docente, Paulo Freire, ao falar sobre trabalhar o rigor metodológico, está se referindo à necessidade de estruturar a prática pedagógica de forma cuidadosa, reflexiva e organizada. O rigor metodológico não significa rigidez ou um método fixo e impessoal, mas a capacidade de planejar e adaptar as abordagens educativas de maneira que favoreçam uma aprendizagem significativa e crítica. Ele acredita que, ao construir um processo educacional que respeite as condições dos educandos e promova um ensino dialógico, o educador pode facilitar a construção do saber de maneira eficaz.

Freire também aponta que, se educadores e educandos não tiverem certas qualidades, como o comprometimento com a reflexão crítica e a participação ativa, isso pode comprometer a qualidade da aprendizagem. Sem essas qualidades, o processo educativo se torna superficial, e as condições para uma aprendizagem criativa e transformadora se tornam inviáveis. Essas qualidades podem ser vistas como um ideal pedagógico, mas Freire acredita que elas são necessárias para que o ensino e a aprendizagem sejam verdadeiramente emancipadores.

Freire, ainda faz uma crítica contundente ao intelectual memorizador. Na visão do autor:

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arrisca-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memórias – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. (Freire, 2021, p. 29)

### PENSAR ERRADO (PE) X PENSAR CERTO (PC)

“Fala bonito de dialético, mas pensa mecanicamente. Pensar errado. É como se todos os livros a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que os intelectuais memorizadores mecânicos têm a ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto (Freire, 2021, p.29)”.

Na crítica feita por Freire, corroboramos ao perceber que não se lê criticamente. [...] A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encanto da inteligência do texto como se fosse ela apenas produção de seu autor ou autora. Esta forma de ler não tem nada a ver com o pensar certo e o ensinar certo. E como se lê criticamente? A leitura verdadeira compromete imediatamente o leitor com o texto, texto e leitor se entregam e a compreensão fundamental daí desdobrada torna e/ou implica o leitor como sujeito do texto.

Para Paulo Freire, a educação e o processo de aprendizagem e não podem ser reduzidos apenas à dimensão socioespacial ou geográfica. Ele considera que a formação dos educandos deve levar em conta suas condições sociais, culturais, históricas e políticas, mas ele também enfatiza a dimensão humana e a autonomia na construção do conhecimento. Freire quer ir além de entender os educandos como sujeitos condicionados exclusivamente pelo seu contexto geográfico ou social, e busca destacá-los como seres críticos, reflexivos e transformadores de sua realidade. *Uma maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo conhecer o mundo.* (FREIRE, 2021, p. 30).

Histórico como nós o nosso conhecimento do mundo tem historicidade (Freire, 2021, p.30). Ao ser produzido, o conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se faz velho e se dispõe, a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí ser tão fundamental conhecer o

conhecimento existente quanto saber que estamos abertos à produção do conhecimento ainda não existente.

Portanto, ensinar, aprender, pesquisar, lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o conhecimento que se ensina e se aprende, o conhecimento já existente e o conhecimento em que se trabalha que ainda é inexistente. A docência – discência e a pesquisa, indissociáveis e inseparáveis são práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico, portanto, tarefa fundamental do educador problematizador, fazer o ciclo gnosiológico – ensinar, aprender e pesquisar se fazer realidade na sua práxis educativa transformadora. A figura abaixo busca realizar uma síntese do que compreende a prática docente transformadora.

**Figura 5 - Prática docente: Primeira reflexão**



**Fonte:** A autora (2024)

## 1.2 Ensinar exige pesquisa

Paulo Freire, em toda a sua obra “Pedagogia da Autonomia” enfatiza que o ensino não deve ser uma prática rígida e fixa. Ao mesmo tempo, defende que os educadores devem explorar, questionar e aprender constantemente, agindo como investigadores nas

suas próprias práticas em salas de aula. Freire vê o processo educativo como um dia contínuo de descoberta e reflexão crítica, em que o educador aprende junto com os educandos. Deste modo, o educador Freire acredita que a pesquisa é indispensável para compreender a realidade dos educandos fazendo da educação um processo dinâmico. Ensinar, portanto, exige pesquisa, com esta assertiva Freire está sugerindo que os educadores devem pesquisar métodos de ensino e aprendizagem adequados a suas práticas pedagógicas.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (Freire, 2021, p.30). Esses que fazem se encontram um no corpo do outro enquanto ensino. Fala-se, hoje, como insistência, no professor pesquisador [...] O que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, por professor, como pesquisador. Nas palavras de Freire

Contínuo buscando, re procurando (3) Ensino porque (Freire, 2021, p.30) busco, porque indago, porque indago, e me indago. (4) Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. (5) Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 2021, p.31).

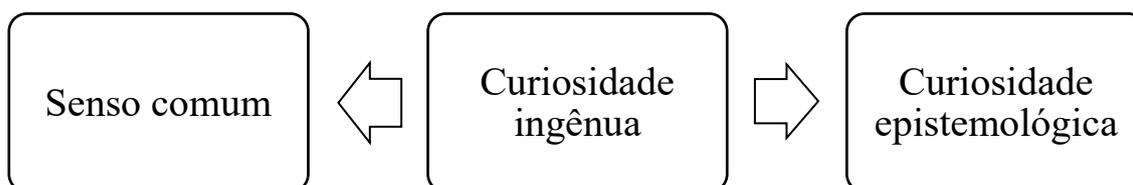
A partir das reflexões de Freire, do ato de pesquisar, nos sentimos provocadas e indagamos: como os docentes fazem indagações, busca e pesquisa? Como podemos ter acesso a isto que constitui, segundo Paulo Freire, a natureza da prática docente? Como podemos saber se o professor percebe e se assume como pesquisador? Há alguma pesquisa empírica que revelem dados só dessa percepção, compromisso e responsabilidade do professor com a pesquisa? Ou seja, na prática docente um educador que se reconhece como pesquisador promove práticas que despertam a curiosidade crítica nos educandos. O educador incentiva a problematização e a busca por respostas fundamentadas?

Na postura investigativa do educador problematizador verifica-se quando o docente busca planejar aulas que exigem pesquisa e reflexão, incentiva debates e a busca ativa de soluções; e repensar as práticas pedagógicas. Se o professor não o faz, perpetua-se um ensino baseado em memorização e reprodução de conteúdo, o que limita o desenvolvimento de uma visão crítica e autônoma nos educandos. Os efeitos de fazer ou

não fazer, de um lado, promove autonomia intelectual dos alunos, estimula a capacidade de problematizar e transformar a realidade, possibilitar um ambiente de aprendizagem; do outro lado, o não fazer gera alunos pouco críticos, estimula uma visão fixa do conhecimento e reduz o impacto transformador da educação.

Há um momento do texto que o autor Freire faz menção ao ciclo gnosiológico, a representação no formato de figura busca ilustrar os momentos do ciclo:

**Figura 6 – Momentos do ciclo gnosiológico**



Fonte: A autora (2024)

#### **Momentos do ciclo gnosiológico:**

1. Ensina-se e se aprende o conhecimento já existente.
2. Trabalha-se a produção do conhecimento ainda não existente.

O momento do ciclo gnosiológico desperta a curiosidade epistemológica e supera a curiosidade ingênua. A curiosidade ingênua leva a certo saber, apesar de não ser metodicamente rigorosa. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente certo saber, não importa que metodicamente sem rigor, e a que caracteriza o senso comum. O saber resultante de pura experiência (Freire, 2021, p.31).

O senso comum é a base inicial do conhecimento. Caracteriza-se por um saber resultante de pura experiência, mesmo que sem rigor metodológico. Pensar certo do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando, cuja promoção da ingenuidade não se faz automaticamente (Freire, 2021, p.31).

Freire menciona que para que o educador pense certo, é necessário respeitar o senso comum do aluno / educando, e que ele supere o senso comum e que ele possa ter

sua capacidade criadora para que ele próprio crie o seu conhecimento. É necessário que o educador pesquise, estude e se aperfeiçoe nas suas práticas. A pesquisa é um instrumento fundamental para que o professor se mantenha atualizado, critique suas próprias abordagens e explore novas formas de ensino que dialoguem com as necessidades dos educandos. Para Paulo Freire, o ato de ensinar é também um ato de aprender, e a pesquisa permite que o educador se coloque em uma postura de constante investigação e aprimoramento.

### 1.3 Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos

Paulo Freire, ao dizer que "ensinar exige respeito aos saberes dos educandos", evidencia que o professor deve valorizar os conhecimentos e as experiências que os alunos já possuem. Esses saberes, vindos de suas vivências, são o ponto de partida para a construção do aprendizado mais significativo. Ele rejeita a ideia de que o professor é o único detentor do saber e defende uma relação de diálogo, em que o educando participa ativamente do processo educativo. Assim, ensinar com respeito aos saberes dos educandos significa tornar o processo do aprendizado mais significativo, promover a troca de experiências e formar cidadãos críticos e conscientes.

Pensar certo coloca ao professor ou a escola o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária, mas [...] o discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino com mesmos conteúdo. (Freire, 2021, p.31). Freire, ainda enfatiza que "pensar certo" exige que educadores e escolas reconheçam, respeitem e valorizem os saberes que os educandos, sobretudo, os das classes populares, trazem consigo. Esses saberes, construídos a partir de suas vivências e práticas comunitárias, devem ser agregados ao processo de ensino.

No entanto, Freire vai além do respeito aos saberes. Ele sugere que é dever da escola e do educador dialogar criticamente com os educandos sobre esses conhecimentos, refletindo sobre sua origem, seu significado e sua relação com os conteúdos escolares. Esse processo é importante para que o educando compreenda como seu conhecimento dialoga com o conhecimento formal, ampliando sua visão crítica e sua capacidade de transformar a realidade. Partindo do princípio de que o educador deve direcionar suas práticas através dos conhecimentos prévios da realidade concreta do educando, levando

em consideração as experiências sociais dos educandos, associando os conteúdos a sua realidade, para que essa aprendizagem ocorra de forma significativa. A partir destas reflexões feitas por Freire, nos questionamos: por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a população dos riachos e dos (Freire, 2021, p.31) córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões, e os riscos que oferecem à saúde das gentes (Freire, 2021, p.32).

Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Essa pergunta é considerada em si demagógica concreta a que se deve associar à disciplina cujo conteúdo se ensina a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe está embutida neste descaso?

Resposta: porque, dirá um educador reaccionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos (Freire, 2021, p.32).

Freire acredita que o educador deve pegar o saber que o educando já possui e a partir desse senso comum, ele possa transformar sua curiosidade ingênua em um saber de aprender mais, de criar, de construir seu conhecimento. Freire menciona que o educador pode respeitar as particularidades desse educando e possibilitar que ele construa seus conhecimentos e construa seu saber científico. Pois cada aluno traz consigo um conjunto de conhecimentos e experiências acumuladas ao longo de sua vida, que devem ser valorizados no processo educativo. Paulo Freire destaca que o educador não deve assumir uma postura autoritária ou bancária, na qual apenas ele detém o saber. Ao contrário, o professor deve reconhecer que o aprendizado é uma via de mão dupla, em que os saberes dos alunos também contribuem para a construção coletiva do conhecimento.

#### 1.4 Ensinar exige criticidade (curiosidade ingênua, epistemológica e/ ou crítica)

Quando Paulo Freire diz que "ensinar exige criticidade", isto é, que o ensino deve estimular a capacidade de pensar de forma reflexiva e questionadora. Para tal finalidade é necessário reconhecer e trabalhar com diferentes tipos de curiosidade, como: curiosidade ingênua (em que o indivíduo aceita informações sem questionar

profundamente); curiosidade epistemológica (quando o indivíduo começa a buscar respostas mais estruturadas, utilizando métodos e fundamentações para entender melhor o mundo); e curiosidade crítica (indivíduo questiona profundamente, busca compreender as causas, consequências e o contexto das coisas).

Freire destaca que o papel do professor é ajudar os alunos a desenvolverem essa curiosidade, saindo da ingenuidade e avançando para uma visão crítica da realidade. Isso torna o aprendizado significativo e permite que os alunos se tornem protagonistas na transformação de sua própria realidade. O quadro a seguir mostra este processo mencionado do papel do professor.

**Quadro 2 – Transição da curiosidade ingênua para a curiosidade crítica no processo de ensino e aprendizagem.**

Ingenuidade      ⇨	Criticidade
Saber de pura experiência feita ⇨	Resultado dos procedimentos metodicamente rigorosos
Ruptura      ⇨	Superação

**Fonte:** A autora (2024)

Na perspectiva de Freire acerca da superação da curiosidade ingênua para epistemológica exige criticidade,

A superação e não a ruptura ocorre na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, continuando a ser curiosidade, se crítica. Ao criticizar-se se tornando então [...] curiosidade, metodicamente rigorizando-se na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (Freire, 2021, p.33).

A curiosidade:

- Como inquietação indagadora;
- Como inclinação ao desvelamento de algo;
- Como pergunta verbalizada ou não;
- Como procura de esclarecimento;
- Como sinal de atenção que sugere alerta.

Faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do

mundo que não fazemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2021, p.33).

Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fazemos acrescentando a ele algo que fazemos. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não ocorre automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressiva é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil.

Curiosidade com que podemos nos defender de irracionalidade com irracionalismo decorrente do ou produzidas por certo (Freire, 2021, p.33) excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado. E não há nesta consideração [...] a negação da ciência e da tecnologia [...] é consideração de quem [...] a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa (Freire, 2021, p.34).

É necessário que ao ensinar exista criticidade, ou seja, não aceitar as coisas como são postas. Quando o sujeito possui uma criticidade, uma curiosidade em saber algo, o sujeito transforma sua curiosidade até o momento ingênua em aprendizado, porque na curiosidade de entender o educando ele sai da superficialidade, do raso para o entendimento aprofundado e realmente aprende e se desenvolve melhor.

### 1.5 Ensinar exige estética e ética.

A necessária promoção da curiosidade ingênua à curiosidade crítica, da ingenuidade à criticidade é concomitantemente a uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. A prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de ética e estética. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar (Freire, 2021, p.34). Humano, seres históricos - sociais nos tornaram capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de romper por tudo isso, nos fizemos seres éticos (Freire, 2021, p.34). Quais saberes são construídos socialmente na prática comunitária?

Freire nos convida a refletir sobre a importância de promover uma transformação da curiosidade ingênua para a curiosidade crítica, importante para a formação de

indivíduos capazes de pensar e agir de maneira consciente e transformadora. Essa transformação envolve ética (como os valores humanos) e estética (como harmonia da prática educativa), são elementos essenciais para a construção de uma educação verdadeiramente libertadora. Freire destaca que a prática educativa não pode ser neutra ou aleatória, mas deve ser uma demonstração constante de valores éticos e estéticos. Isso significa resistir às soluções fáceis, que muitas vezes nos afastam de caminhos mais desafiadores, mas verdadeiros, no processo de formação humana.

Nesta parte da obra, Freire apresenta algumas características e/ou sintomas do pensar errado:

Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa. Pensar certa demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo (Freire, 2021, p.35). [...] Não há pensar certo a margem de princípios éticos, se mudar é possibilidade e direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança aplicada. Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente (Freire, 2021, p.35).

Freire comenta que a “decência e boniteza de mãos dadas” (Freire, 1996, p.32). Esteticamente a aula precisa ser planejada e deve ter uma conduta ética como educador. A estética do ambiente, do lugar é importante para que o educando aprenda com mais êxito; isto significa, é necessário para que o estudo ocorra de forma harmônica. Relacionando este tópico “O ensinar exige estética e ética”, com o Método do Estudo Imanente podemos compreender que o educador e/ou educando para fazer este estudo aprofundado e significativo necessita ter seu espaço organizado e silencioso para que o estudo aconteça sem interrupções desnecessárias.

Ensinar exige tanto estética quanto ética, pois o ato educativo, segundo Paulo Freire, deve ser belo e comprometido com valores humanos. A estética no ensino refere-se à maneira sensível e criativa com que o educador organiza e apresenta o conhecimento, tornando o processo de aprendizagem envolvente e inspirador. Já a ética é o compromisso com o respeito, a justiça e a valorização do outro, seja o educando ou a comunidade escolar. A prática pedagógica deve ser uma união dessas dimensões, buscando formar cidadãos críticos e conscientes.

O Estudo Imanente se relaciona perfeitamente nessa visão, pois propõe que o conhecimento esteja intimamente ligado à vida concreta dos educandos. Ao valorizar as

vivências e experiências dos alunos, o professor não apenas ensina conteúdos formais, mas também promove um diálogo com as realidades estéticas e éticas que os cercam. O aprendizado, assim, se torna um processo bonito e significativo, em que a ética guia as relações entre professor e aluno e a estética torna o conhecimento mais acessível e atraente.

Com isso, a prática pedagógica baseada na ética e na estética, aliada ao estudo imanente, cria uma educação transformadora, que respeita as experiências de vida dos alunos e, ao mesmo tempo, os desafia a enxergar o mundo de novas maneiras, ampliando suas perspectivas e capacidade crítica.

#### 1.6 Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo

Paulo Freire, ao afirmar que o professor que "realmente ensina" nega a fórmula farisaica do 'faça o que mando e não o que eu faço', está criticando uma abordagem pedagógica autoritária e contraditória, em que o educador impõe regras ou comportamentos aos alunos, mas não pratica o que prega.

Freire defende que o verdadeiro educador deve ser exemplo vivo dos princípios que ensina. Ele acredita que a prática pedagógica deve ser marcada pela autenticidade e coerência. Ou seja, o educador não pode pedir aos alunos que sigam normas ou valores que ele mesmo não pratica. A ética da educação Freireana exige que o professor seja honesto, assim como comprometido com o que ensina, criando uma relação de confiança e respeito com os alunos.

Ao criticar a ideia de "faça o que mando e não o que eu faço", Freire está questionando uma atitude autoritária e desconectada da prática. Ele vê essa postura como um modelo de ensino vazio e hipócrita, em que o educador não inspira ou provoca reflexão no aluno, mas apenas exige obediência. Para Freire, ensinar é uma ação de transformação, e essa transformação começa na prática ética e autêntica do educador. "O professor que realmente ensina [...] que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo nega, como falsa, a fórmula farisaica do faça o que mando e não o que eu faça" (Freire, 2021, p.35).

Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase valem. Pensar certo é fazer certo.

O método do estudo imanente contribui para que os atores pedagógicos, na formação de si, exercitem-se no pensar certo, já que pensar certo é fazer certo. O método é uma forma certa do/a educador/a trabalhar os conteúdos para si, consigo, para depois, trabalhar com os estudantes. Mas, antes da socialização, exigir que os estudantes trabalhem, pessoalmente, os conteúdos que serão trabalhados nos encontros pedagógicos coletivos. O trabalho pessoal dos estudantes deverá ser entregue antes de enviar o trabalho coletivo. Esta é uma condição ética do trabalho coletivo.

A partir da leitura dessa parte da obra que discute a corporificação das palavras pelo exemplo extraímos dois importantes exemplos, que transformamos em problema a ser refletido, aqui registramos:

Exemplo problema (1):

Mas não é por motivo indicado por Paulo Freire “que podemos pensar alunos sérios de um professor que, há dois semestres, falava com quase ardor sobre a necessidade da luta pela autonomia das classes populares e hoje, dizendo que não mudou, faz o discurso pragmático contra os sonhos” (Freire, 2021, p.35) e prática a transferência de saber do professor para o aluno? (Freire, 2021, p.36).

Exemplo problema (2):

Que dizer da professora que, de esquerda ontem, defendia a formação da classe trabalhadora e que, praticamente hoje, se satisfaz, curvada ao fatalismo neoliberal, com puro treinamento de operário, insistindo, porém, que é progressista? (Freire, 2021, p.36).

Para o estudo imanente não é esse o problema, mas, nos perguntamos:

Os professores trabalham os conteúdos que são socializados para os estudantes? Como eles estudam ou trabalham esses conteúdos? Eles socializam o modo como trabalham os conteúdos para exigir dos estudantes que eles trabalhem da mesma forma?

Embora o exemplo de Paulo Freire seja plausível por exibir coerência política e ideológica com a formação do professor. A prioridade ontológica com a formação do professor tem que ser com o estudo. É a formação de si, em si. A formação é a finalidade, e deve se destacar pela coerência. Por isso é aqui, mais do que em qualquer outro tema, que o professor deve ser coerente.

Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensar certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se sabe com quem está falando? (Freire, 2021, p.36).

O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação. É o de quem, discordando do seu oponente, não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida, bem maior, às vezes, do que a razão mesma da discordância (Freire, 2021, p.36). “Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade que, não negando a quem o tem o direito à raiva, a distinguir da raivosidade desenfreada” (Freire, 2021, p.36).

Necessário conhecermos, portanto, todas as ideias e conceitos que Paulo Freire atribui ao pensar certo. E verificar se os rigores do pensar certo são suficientes e dizem respeito ao trabalho do professor na apropriação dos conteúdos realizados aos estudantes, pois é esse trabalho que garante aquele com os suficientes. O educador precisa dar o exemplo, é necessário que nossas palavras ditas sejam demonstradas em nossos exemplos e em nossas práticas como educador. O conceito de "ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo" remete à prática pedagógica de viver e demonstrar aquilo que se ensina. Em vez de meramente transmitir informações teóricas, o educador deve incorporar, em suas ações, os valores e princípios que deseja comunicar aos alunos. Essa prática é uma forma de coerência pedagógica, em que o exemplo dado pelo professor se alinha ao conteúdo ensinado, tornando o processo de aprendizagem mais autêntico e significativo.

O "Estudo Imanente" destaca a importância do aprendizado enraizado nas experiências concretas e cotidianas. Esse conceito reforça a ideia de que o conhecimento não é algo externo ou abstrato, mas sim algo que emerge das vivências dos educandos. Quando o estudo se faz imanente, ele respeita os saberes prévios dos alunos e reconhece que o conhecimento está intimamente ligado ao contexto em que eles vivem. Ambos os conceitos se complementam dentro de uma visão Freireana de educação, em que ensinar exige não só o domínio teórico, mas também a capacidade de vivenciar e praticar os ensinamentos no dia a dia, respeitando e valorizando o saber dos alunos em suas próprias realidades

#### 1.7 Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

Freire nos propõe uma educação que vai além da simples transmissão de conteúdo, sendo um processo transformador, crítico e inclusivo. Ensinar é um ato de coragem e compromisso com a mudança social. Freire vê o ensino como um processo dinâmico,

criativo e transformador. Ensinar não pode ser uma prática rígida ou previsível, mas sim um processo que gera curiosidade tanto no educador quanto no educando.

Freire propõe uma postura crítica, em que tanto o novo quanto o velho devem ser avaliados por sua qualidade, eficácia e capacidade de promover transformação. Ele defende a necessidade de estarmos dispostos a acolher o novo, mas também a questionar o velho com base em seu real significado para a situação presente. Isso reflete seu compromisso com uma educação que esteja sempre atenta à necessidade de transformação de suas práticas. Na visão de Freire “É próprio ao pensar certo a disponibilidade ao risco, aceitação do novo que não pode ser negado ao acolhido só porque é novo, o critério de recusa do velho não é apenas o cronológico”. (Freire, 2021, p.36).

Sendo assim, Freire sugere que o verdadeiro "pensar certo" resulta, por um lado, em reconhecer e valorizar o que no passado tem valor e, por outro, argumentar de maneira decisiva as discriminações que destroem a natureza de uma sociedade democrática e justa. Ele defende a ideia de uma educação que respeite e valorize as diferentes identidades, sem cair em práticas excludentes ou opressoras. Freire defende uma educação que não reproduza as desigualdades sociais. Rejeitar qualquer forma de discriminação significa garantir que a educação seja um espaço democrático, de modo que todas as pessoas, independentemente de sua raça, classe social, gênero, ou qualquer outra característica, sejam tratadas com dignidade e respeito. Em que a educação não pode incentivar os preconceitos, mas deve ser um meio de luta contra a opressão.

O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo (Freire, 2021, p.37). Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a subjetividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (Freire, 2021, p.37). Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humanidade que o pensar certo exige. Não tem nada a ver com o bom senso que regula nossos exageros e a insensatez (Freire, 2021, p.37).

Paulo Freire, ao afirmar que "pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humanidade que o pensar certo exige", está refletindo sobre a distinção entre ações e pensamentos que são desumanizadores e aqueles que respeitam a dignidade humana. Quando Freire fala sobre "pensar e fazer errado", está se referindo a práticas e atitudes que não levam em consideração os valores essenciais para uma sociedade justa e

democrática. O "erro", nesse contexto, está relacionado à injustiça, à opressão, à discriminação e à desconsideração pela humanidade do outro. Pensar errado é agir de forma que destrua a possibilidade de uma convivência harmônica, solidária e igualitária.

- Humanidade
- Bom – senso: regula os exageros, evite o caminho que conduz ao ridículo e a insensatez.

Faz parte da exigência que eu mesmo faço de pensar certo, pensar como venho pensando enquanto escrevo este texto. Pensar que o pensa certo a ser ensinado concomitantemente com o ensino dos conteúdos não é um pensar formalmente anterior ao e desgarrado do fazer certo. Na perspectiva de Freire

[...] ensinar a pensar certo não é uma experiência em que o pensar certo é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força de testemunho. (Freire, 2021, p)

Paulo Freire, em sua abordagem, destaca que ensinar a "pensar certo" não é simplesmente o ato de transmissão de conteúdo, mas um processo que envolve a vivência e prática. Isso significa que o ato de ensinar precisa ser coerente com a prática e com os valores que se deseja passar, criando um clima propício para o aprendizado crítico e transformador. O termo "clima ou espírito" mencionado se refere ao ambiente emocional, ético e relacional no qual o processo do aprendizado ocorre.

Ensinar a pensar certo não depende apenas de conhecimento técnico, mas também da disposição emocional, da empatia e da integridade com que o educador conduz sua prática. Já método do estudo imanente propõe evitar uma interpretação superficial ou mecânica de textos e conceitos. O método busca compreender o objeto de estudo em sua totalidade, analisando-o de dentro para fora, a partir de seus próprios elementos, em vez de impor ideias externas. Essa abordagem é fundamental para combater interpretações dogmáticas ou preconcebidas, valorizando um pensamento crítico e autônomo do educando. Assim “Ensinar a pensar certo é [...] algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força de testemunho (Freire, 2021, p.38)”. Pensar certo implica a existência de o que pensam mediadas por objeto ou objetos sem que incida o próprio pensar dos sujeitos.

Pensar certo não é o fazer de quem se isola de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão. É um ato comunicante. [...] Não é possível pensar sem

entendimento. É o entendimento, do ponto de vista do pensar certo. Não é transferido, mas compartilhado (Freire, 2021, p.38).

Sobre o “entendimento” e a compreensão. (inteligibilidade). Registramos:

- Se, do ângulo da gramática, o verbo entender é transitivo no que concerne à “síntese” do pensar certo. Ele é um verbo cujo sujeito é sempre coparticipado de outro.
- Todo entendimento se não se acha “trabalhando” mecanicamente, se não vem sendo submetido aos cuidados alienadores de um tipo especial e cada vez mais ameaçadoramente comum de mente burocratizada, o entendimento implica, necessariamente, comunicabilidade.
- Não há inteligência- a não ser quando o processo de interligar é distorcido – que não seja comunicação do inteligido. A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar (Freire, 2021, p.38), oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. (Freire, 2021, p.39).
- A tarefa coerente do educador que pensa certo é exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na de agilidade. O pensar certo é dialógico e não polêmico. (Freire, 2021, p.39).

A partir destes apontamentos feitos acima por Freire, indagamos: o que é natureza humana? E como se ensinar a pensar certo concomitante ao ensino dos conteúdos? Isso não aconteceria se os autores pedagógicos estudassem de forma regular, sistemática e metódica, antes de partilhar os conteúdos apropriados com esse trabalho? O estudo pessoal dos atores pedagógicos não é o que cria possibilidades para a criação e produção dos conhecimentos? Como criar ou produzir conhecimentos sem se apropriar dos conhecimentos existentes? Quem garante esse “fazer certo” no ensino não é o “fazer certo” do estudo? Garantido este o outro é assegurado?

Nesse sentido, ele reflete sobre o ensino e como é possível ensinar "a pensar certo" ao mesmo tempo em que se ensinam os conteúdos. Para Freire, o ensino de conteúdo não pode ser separado do pensamento crítico. "Pensar certo", nesse contexto, envolve a capacidade de questionar, refletir e construir um entendimento mais profundo do mundo.

Freire também aponta que os educadores, ou "autores pedagógicos", devem se dedicar a um estudo regular, sistemático e metódico antes de compartilhar o conhecimento com seus alunos. O educador precisa se apropriar do conteúdo de forma crítica e reflexiva, não apenas para transmiti-lo, mas também para contextualizá-lo e torná-lo significativo para os alunos. O estudo contínuo dos educadores cria as condições para a criação e produção de novos conhecimentos, permitindo que a educação seja um processo dinâmico e transformador.

O autor Paulo Freire enfatiza que o educador precisa aceitar o novo, aceitar as opiniões que os educandos trazem em comentar no espaço educacional, que é importante para que ocorra uma troca e uma construção de conhecimento.

“A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua comunicação do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade.” (Freire, 1996, p. 28). Ou seja, permitir em suas práticas que os estudantes/educandos se coloquem, falem e questionem que a partir disso ocorram diálogos, pois, quando tem diálogos não há espaço que leve a “discriminação” para o novo. Na perspectiva de Freire,

“[...] Na formação permanente dos professores, no momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática. [...]” (Freire, 1996, p.39).

O pensamento que Paulo Freire leva-nos à reflexão que o educador precisa refletir suas práticas e que sua teoria tenha coerência com sua prática pedagógica. Freire nos leva a entender que a formação docente não deve ser um processo estacionado, mas sim contínuo e dinâmico, no qual o educador se vê como um sujeito que constantemente repensar e reinterpretar suas próprias práticas.

A reflexão crítica permite que o educador compreenda melhor suas ações. Além disso, Freire também enfatiza que a teoria pedagógica do educador deve ser coerente com a prática que ele desenvolve. Ou seja, não basta apenas conhecer teorias educacionais; é necessário que essas teorias se traduzam em ações concretas no ambiente escolar. Esse ciclo contínuo de reflexão entre teoria e prática é fundamental para a formação de um educador que seja capaz de promover uma educação transformadora e significativa.

## 1.8 Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática

Ao dizer que "ensinar exige reflexão crítica sobre a prática", Freire reforça que o ato de ensinar não deve ser mecânico ou baseado apenas na repetição de conteúdos, como a pedagogia bancária. Em vez disso, o educador precisa constantemente refletir sobre sua prática pedagógica, avaliando suas ações, métodos e atitudes que estão colaborando para o aprendizado e a formação dos educandos.

Freire acredita que o professor não deve ser um "prático reflexivo", ou seja, alguém que não apenas aplica técnicas, mas também analisa criticamente os resultados de sua atuação, identificar possíveis melhorias e buscar alinhar suas práticas aos contextos e necessidades dos alunos. Além disso, a reflexão crítica é uma forma de reconhecer que o aprendizado é um processo recíproco e contínuo, de maneira que tanto o educador quanto os educandos aprendem e se transformam. Isso se conecta a ideia de que o professor precisa compreender e respeitar os saberes prévios dos alunos, estabelecendo um diálogo que valorize suas vivências e promova uma educação emancipadora. A prática docente crítica, provocadora do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

Nestes termos registramos o que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito é o rigor metodológico.

- É fundamental que na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder. Pelo contrário, o pensar certo de que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.
- A matriz do pensamento ingênuo e do pensamento crítico é a curiosidade. E a curiosidade é uma característica vital do ser humano. (Freire, 2021, p.39 – 40).

“O que se precisa é possibilitar que se voltando em si mesmo, através da reflexão sem a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá formando crítica” (Freire, 2021, p.40) É exatamente isto que o método do estudo imanente “possibilita”. Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sem a prática. É pensando criticamente em uma prática de hoje ou de ontem que se pode

melhorar a próxima prática. Todas as atividades ou momento do estudo imanente este tipo de refletividade ocorre: E quando ocorre é registrado no diário auto etnográfico. Mas há um momento do método do estudo imanente em que a refletividade é mais intensa: O momento da interpretação compreensiva.

O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. O seu “distanciamento epistemológico” da prática enquanto objeto de sua análise deve aproximá-lo ao máximo. (Freire, 2021, p.40).

Quanto melhor fizer esta operação, mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade e pela rigorosidade. (Freire, 2021, p.40). Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. (Freire, 2021, p.40).

Nesta análise, o educador pode compreender o impacto de suas ações pedagógicas e ajustá-las de acordo com as necessidades e realidades dos alunos. Paulo Freire, em sua pedagogia, enfatiza que o educador não deve ser apenas um transmissor de conteúdos, mas sim um agente reflexivo que questiona suas práticas, suas metodologias e o contexto no qual atua. Essa postura crítica permite que o ensino se torne um processo de transformação tanto para o professor quanto para os educandos.

O conceito de estudo imanente, por sua vez, complementa essa reflexão crítica ao reconhecer que o aprendizado está profundamente enraizado nas experiências e vivências concretas dos alunos. Quando o ensino se baseia nas realidades cotidianas, ele se torna mais significativo e conectado às verdadeiras necessidades dos educandos. Portanto, a reflexão crítica sobre a prática e o estudo imanente é fundamental para que o processo de ensino-aprendizagem seja dialógico, transformador e comprometido com a emancipação dos sujeitos envolvidos.

### 1.9 Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

O educando assume-se como sujeito do aprendizado, em que, reconhece-se responsável por seu processo de aprender, não delegando esse papel apenas ao educador.

O educador compreende que seu papel não é apenas transmitir conteúdos, mas criar um espaço de diálogo e transformação. Possibilitando que o educando desenvolva sua criticidade.

Freire nos convida, com o conceito de "assunção", a sermos críticos e conscientes sobre nossas escolhas e condições. Não basta agir ou decidir; é preciso compreender o que, como e por que estamos agindo, assumindo tanto as consequências quanto o papel ativo do sujeito no mundo. Esse processo é parte essencial da práxis libertadora que Freire defende. Sobre a assunção (assumir)? O verbo assumir é um verbo transitivo e que pode ter como objeto o próprio sujeito que assim se assume. Conceito de assunção: Por exemplo: eu tanto assumo o risco que corro ao fumar quanto me assumo enquanto sujeito da própria assunção. O que é assunção: conhecimento cabal do objetivo de fumar (ou de qualquer outra coisa e de suas consequências). (Freire, 2021, p.42).

Por exemplo: uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica [do estudo?] É propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumirem-se. Assumirem-se como sociais e históricos, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva (que tem um papel altamente formador “(Freire, 2021, p.41) porque capaz de amar. (Freire, 2021, p.42). Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do não eu, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu.

- A questão da identidade cultural, mas também pessoal, de que fazem parte a dimensão pessoal, de que fazem parte a dimensão pessoal e progressista a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desperdiçado.
- A identidade cultural, que envolve a pessoa e a classe dos educadores e das educandas, absolutamente fundamental na prática educativa progressista, bem como a personificação das formas sociais, educador e educando, pelas pessoas, tem a ver diretamente com a assunção de nós mesmos por nós mesmos, em nós mesmos e para nós mesmos (Freire, 2021, p.42).
- É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. (Freire, 2021, p.42).

- As experiências históricas, políticas, culturais e sociais dos humanos jamais podem se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si próprio das pessoas e dos grupos e forças que trabalham pela conquista de determinada assunção. (Freire, 2021, p.42).
- A formação docente que se julgue superior a essa “intrigas” e/ou a elas seja indiferente, a ignore ou a desconsidere conscientemente não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos à assunção de si próprio das pessoas como educador e educando crítico.
- A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade (Freire, 2021, p.42) mais humana, justa e democrática, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o pensamento pragmático (Freire, 2021, p.43).

Paulo Freire cede a “linguagem da aprendizagem”. “Podemos ser mais de nós mesmos”.

Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora para si mesmo. (Freire, 2021, p.43)

Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar (Freire, 2021, p.44) Natureza testemunhal nos espaços (Freire, 2021, p.45). Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço. O saber dos gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciada. Fala-se, quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. “do saber ou dos conteúdos”.

Uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço atividades e uso do espaço da escola, que não seja a atividade educativa, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo, o estudo passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que os humanos descobriram, historicamente, que é possível ensinar. (Freire, 2021, p.44). Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com

facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que (Freire, 2021, p.44) variados gestos de alunos, do pessoal administrativo, do pessoal docente se cruzam cheios de significação (Freire, 2021, p.45). Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas (Freire, 2021, p.45).

A impressão de Paulo Freire sobre o espaço físico espacial das escolas da rede de Escolas Municipais. O que Paulo Freire compreende por “natureza testemunhal nos espaços escolares, em “A educação na cidade”, quando então secretário de Educação da administração de Luiza Erundina. Nesse tópico ele retrata a situação que encontrou a rede de escolas públicas municipais da cidade de São Paulo em 1989.

O descaso pelas condições materiais das escolas alcançava níveis impensáveis. Nas primeiras visitas às redes de escolar municipais quase devastadas me perguntava horrorizado: como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes, se o poder público revela absoluta desconsideração à coisa pública? é incrível que não imaginasse a significação do “discurso” formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. (Freire, 2021, p.45).

Freire questiona como seria possível exigir que as crianças respeitem o espaço escolar – carteiras, mesas, paredes – se o próprio poder público não demonstra esse respeito, deixando as escolas da rede pública em condições precárias. Para ele, o descaso com o ambiente escolar reflete uma falta de compromisso com a formação integral dos educandos, já que a infraestrutura também é parte do processo educativo. Portanto, a ideia de "estudo formador" se conecta a valorização do ambiente escolar como espaço de aprendizado e cidadania. Uma escola bem cuidada comunica o valor da educação e contribui para a formação ética, estética e social dos estudantes, além de reforçar a importância do cuidado com os bens coletivos.

A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza [estética] das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço escolar. (Freire, 2021, p.45).

Freire reconhece que elementos como a limpeza do chão, a organização das salas, a higiene dos sanitários são meramente detalhes superficiais, mas componentes essenciais de uma educação humanizadora e acolhedora. Esses elementos manifestam respeito pelos educandos e educadores, reforçando que o espaço escolar é um lugar de dignidade, cuidado e pertencimento. Freire sugere que a estética e a organização do ambiente transmitem implicitamente mensagens sobre valorização, disciplina e zelo, contribuindo

para criar um clima propício ao aprendizado e ao desenvolvimento humano. Freire ressalta, portanto, que o espaço físico não é neutro: ele educa tanto quanto as palavras e as ações dos professores. A "pedagogicidade" está na capacidade do ambiente de ensinar, de maneira sutil, o respeito, a harmonia e a importância de cuidar do coletivo.

Na leitura dessa parte da obra identificamos que Paulo Freire é subsumido no cotidiano escolar. E nessa subsunção a pedagogia libertária perde forças. Não é mais a "importância do ato de ler" que importa; a reinvenção dos conteúdos e de si mesmo no estudo. Em "Educação na cidade" é o espaço físico, com sua indumentária específica, que ganha força e expressão na mentalidade Freiriana (Freire, 2021, p.45). Freire defendia que o ato de ler não era apenas decodificar palavras, mas interpretar o mundo e transformar a realidade. A educação deixa de ser um processo de reinvenção crítica e passa a ser uma repetição de conteúdos pré-estabelecidos.

Na obra Educação na cidade, Freire reconhece a importância do espaço físico na educação, mas aqui se sugere que houve um deslocamento de prioridade. A crítica aponta que, ao invés de se focar na relação dialógica e na construção do conhecimento, há uma ênfase maior na infraestrutura e dos espaços formais. Ou seja, as ideias de Paulo Freire, ao serem inseridas no contexto escolar formal, podem perder sua essência transformadora.

A pedagogia libertadora é enfraquecida quando são reduzidas as práticas institucionais que priorizam o espaço físico, a rotina e a formalidade, deixando de lado a emancipação dos sujeitos, elementos centrais da proposta de Freire. Como pode ser observado em suas palavras,

Formadores da cotidianidade do professor e do aluno, a que quase sempre pouca ou nenhuma atenção se dá, têm na verdade um peso significativo na avaliação da experiência docente o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança do medo que, ao ser "educado" vai gerando coragem. (Freire, 2021, p.45).

Seguem alguns registros acerca da formação docente numa perspectiva de criticidade:

- Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia do exercício da criticidade que (Freire, 2021, p.45) implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação.

- Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo a ver, de vez em quando, com adivinhação, com intuição. O importante é submeter às intuições, a análise metodologicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (Freire, 2021, p.46).
- Não é possível uma formação docente indiferente à estética e a ética que estar no mundo, com o mundo e com os outros substantivamente exige de nós.
- Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensino ético – estético.

Os humanos também descobriram que é possível estudar. E que o estudo tem o poder de transformar e transvalorizar os humanos, em suas existências e vínculos sociais. É quanto a “cobrar das crianças um mínimo de” dedicação ao estudo? Uma dedicação de pelo menos 4 horas, nas bibliotecas escolares, ao estudo dos diferentes conteúdos das disciplinas. Como é feito esse “exercício”? Paulo Freire deixou claro como podemos nos exercitar nesses “exercícios”? Estes questionamentos refletem os pensamentos de Paulo Freire sobre a importância do estudo como prática transformadora e humanizadora.

Ele ressalta que estudar é um ato intencional que não apenas amplia o conhecimento individual, mas também impacta a existência e os vínculos sociais dos seres humanos. Freire enfatiza que estudar exige compromisso e disciplina. Quando ele fala sobre cobrar das crianças um "mínimo de dedicação ao estudo", ele sugere que o aprendizado não ocorre de maneira passiva, mas exige esforço contínuo. A menção às "4 horas nas bibliotecas escolares" indica a necessidade de criar um ambiente e uma rotina adequada para o estudo.

Segundo Paulo Freire, deve ser um processo que valorize a diversidade de experiências e histórias de vida de cada aluno. Quando o professor reconhece a identidade cultural dos educandos, ele respeita seus saberes e realidades, promovendo um ambiente de aprendizagem que valoriza a pluralidade e rompe com práticas que possam alienar ou desvalorizar essas identidades.

O estudo imanente reforça essa perspectiva, uma vez que propõe que o aprendizado emerge das vivências concretas e cotidianas dos alunos, e não apenas de teorias distantes de suas realidades. Ao integrar a identidade cultural ao processo educativo, o ensino se torna mais significativo e transformador, permitindo que os alunos reconheçam sua própria capacidade de construir conhecimento a partir de suas experiências e contextos culturais. Dessa forma, o educador se torna um facilitador que ajuda os educandos a

conectar o saber acadêmico com suas realidades, contribuindo para uma educação mais inclusiva e emancipadora.

## CATEGORIA DAS PALAVRAS DESCONHECIDAS

- Formar: é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas. (Freire, 2021, p. 16).
- Prática docente: é os saberes demonstrados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora. (Freire, 2021, p.23).
- Formador: é o sujeito em relação a quem eu considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, objeto por ele formado [...]. (Freire, 2021, p.24 e 25).
- Ensinar: não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar é a ação [...]. (Freire, 2021, p.25).
- Curiosidade ingênua: está associada ao saber do senso comum. (Freire, 2021, p.33).
- Curiosidade: como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo [...]. (Freire, 2021, p.33).
- Curiosidade humana: vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. (Freire, 2021, p.33).
- Históricos sociais: tornamo-nos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. (FREIRE, 2021, p.34).
- Pensar certo: demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. (Freire, 2021, p.35).
- Pensar certo: é dialógico e não polêmico. (Freire, 2021, p.35).
- Rigorosidade metódica: caracteriza a curiosidade epistemológica. (Freire, 2021, p.35).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo de *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire apresenta uma crítica à educação tradicional, que muitas vezes se baseia em práticas autoritárias e descontextualizadas. Ele argumenta que a pedagogia tradicional tende a tratar o aluno como um receptor passivo de conhecimento, em vez de um participante ativo e crítico do processo educativo. Freire critica a visão bancária da educação, em que o conhecimento é depositado nos alunos sem considerar suas realidades e experiências prévias. Em vez disso, ele defende uma abordagem pedagógica que promova a autonomia dos educandos, respeitando e valorizando seus saberes e experiências pessoais. A crítica é direcionada para a necessidade de uma prática docente que seja dialógica e que permita aos alunos desenvolverem uma consciência crítica sobre o mundo.

Ao longo deste trabalho, exploramos as categorias fundamentais do primeiro capítulo do livro "*Pedagogia da Autonomia*", de Paulo Freire, utilizando o Método de Estudo Imanente. Percebemos que as reflexões de Freire sobre temas como a autonomia, a consciência crítica, e a ética na educação são de extrema relevância para a formação autônoma dos indivíduos. Através do Método de Estudo Imanente, podemos aprofundar nossa compreensão dessas categorias, reconhecendo sua importância no contexto educacional contemporâneo. Concluimos, portanto, que a obra de Freire continua a ser uma fonte inspiradora e provocadora para repensar e transformar práticas pedagógicas em busca de uma educação mais libertadora e emancipatória.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fábio Ferreira. **Pierre Hadot e os exercícios espirituais: a filosofia entre a ação e o discurso**. Revista Filosofia, Aurora, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 99-111, jan./jun. 2011.
- BEZERRA, Ciro. **A medida viva do fogo: teoria e método do estudo imanente**. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2023.
- BEZERRA, Ciro. **Conhecimento, riqueza e política: um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci**. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BEZERRA, Ciro. **Estudo e virtude: formação de si no mundo com os outros e as contradições na educação brasileira**. Maceió: Grafmarques, 2019b. v. 2.
- BEZERRA, Ciro. **Estudo & subversão**. Maceió: Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana, 2022.
- BEZERRA, Ciro. **Geografia do capital: teoria, pesquisa e intervenção social - desenvolvimento territorial e educação do campo**. Relatório de Pós-doutoramento em Desenvolvimento Territorial e Educação do Campo. São Paulo: Cátedra da UNESCO, 2013.
- BEZERRA, Ciro. **Institucionalização da geografia da dependência social e caminhos para a autolibertação do povo brasileiro**. In: LEONIDIO, Adalmir et al. Brasil: 200 anos de (in)dependência (1822-2022). São Paulo: Hucitec, 2022. p. 249-314.
- BEZERRA, Ciro. **Potências libertárias do estudo imanente. Programa de Pós-Graduação em Educação**. Relatório de Pós-doutoramento em Filosofia da Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2022.
- BEZERRA, Ciro. **Professores desacorrentados na-e-da cé(lu)la de aula. Estudo imanente: um método para resistir e emancipar**. Maceió: EDUFAL, 2019.
- BEZERRA, Ciro. **Sociologia do trabalho pedagógico e formação humana: crítica à economia política do trabalho pedagógico**. Maceió: Grafmarques, 2019a. v. 1.
- BEZERRA, Ciro; AVELINO, Denis. **Território e educação: análise crítica das contribuições do Observatório das Metrôpoles**. Maceió: Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana, 2015.
- BEZERRA, Ciro; EMILIANO, Luz. **Autonomia intelectual e emancipação humana: contribuições à leitura imanente**. Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado, 2022.
- BEZERRA, Ciro; MOURA, R.; CARDOSO, F. F.; LIMA, M. P. **Estudo imanente: superação do analfabetismo funcional pela autogestão da formação de si**. 2022.
- BEZERRA, Ciro; PAZ, S. R.; CARDOSO, F. F. **Excelência acadêmica, pedagogia universitária e produção do conhecimento no ensino superior de países de língua portuguesa**. FORGES, UnB, IFB. Brasília, 20 a 22 de novembro de 2019.
- CARDOSO, F. F.; LIMA, M. P.; BEZERRA, C. O. **Fundamentos ontológicos do trabalho pedagógico. CONEDU 2018. Anais de Evento**. ISSN: 2358-8829.
- CARVALHO, A. F. F. **Foucault e a função-educador: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana**. Ijuí: Unijuí, 2010.

- CRUZ, R. J. B. **Hermenêutica e educação: o sentido gadameriano de diálogo ressignificando as relações pedagógicas.** Revista Espaço Acadêmico, v. 10, n. 112, p. 43-50, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 71. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 11-46.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Prática docente: primeira reflexão.** In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 71. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 11-46.
- HADOT, Pierre. **A filosofia como maneira de viver: entrevista de Jeanine Carlier e Arnold I. Davidson.** São Paulo: É Realizações, 2016.
- HADOT, Pierre. **Elogio de Sócrates.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga.** São Paulo: É Realizações, 2016b.
- HADOT, Pierre. **Michel Foucault e o "cuidado de si": a invenção de formas de vida resistentes na educação.** ETD - Educação Temática Digital, v. 12, n. 1, p. 167-190, 2010.
- HADOT, Pierre. **Não esqueça de viver: Goethe e a tradução dos exercícios espirituais.** São Paulo: É Realizações, 2019.
- HADOT, Pierre. **O que é filosofia antiga? 6. ed.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- OLIVEIRA, R. F. **Formação de si referenciada na formação humana: efeitos de um método sistematizado de estudo.** 2019.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RIBEIRO, E. A.; PAGNI, P. A. **Pragmatismo e escola nova no Brasil. Nuances: Estudos sobre Educação, ano IX, v. 9, n. 9/10, jan./jun. e jul./dez. 2003.**
- SÁNCHEZ GAMBOA, Sílvio. **Os métodos na pesquisa em educação: uma análise epistemológica.** In: PESQUISA em Educação: métodos e epistemologias. Chapecó, SC: Argos, 2014. p. 25-47.
- SANTOS, D. A. dos; LIMA, M. P.; SILVA, Z. P. S. **Geografia textual e estudo imanente: uma crítica à pedagogia bancária.** 2019.
- SÊNECA. *Cartas a Lucílio.* 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- SIDI, Pilar de Moraes; CONTE, Elaine. **A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017.

## GLOSSÁRIO

1. Discência: ação de aprender (característico de quem aprende).
2. Docência: ação de ensinar (ensino).
3. Senso comum: conhecimento popular, adquirido pela observação e pela repetição.
4. Indago: pesquisa e pergunto.
5. Rigoriedade metódica: a maneira de ensinar que fomenta no educando a curiosidade e a crítica, promovendo o conhecimento crítico necessário à autonomia.
6. Cognoscíveis: é o que pode conhecer.
  - 6.1 O sujeito cognoscível: o indivíduo capaz de adquirir conhecimento.
  - 6.2 O objeto cognoscível: o que se pode conhecer
7. Puritanismo: rigoroso
8. Dodiscência: conceito criado por Freire para se referir a uma desejável postura de eterno aprendiz por parte do educador.
9. Saberes: conhecimento, conjunto de conhecimentos sobre algo ou alguém.
10. Saberes científicos: ação de saber, de conhecer.
11. Pragmático: Prático.
12. Curiosidade epistemológica: construída pelo exercício crítico da capacidade de aprender.
13. Criticidade: habilidade ou capacidade para ser crítico, para julgar e criticar.
14. Corporificação: concretização, ação ou resultado de materializar.
15. Farisaica: falsa, mentirosa e fingida.
16. Inteligibilidade: qualidade do que pode ser compreendido.
17. Indubitavelmente: o que é certo.